

A Biblioteca Rio- Grandense e a imprensa feminina na cidade do Rio Grande



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves
Luciana Coutinho Gepiak

A Biblioteca Rio- Grandense e a imprensa feminina na cidade do Rio Grande



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

Lisboa / Rio Grande
2026

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1ª Secretária: Luciana Coutinho Gepiak
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: A Biblioteca Rio-Grandense e a imprensa feminina na cidade do Rio Grande
- Autores: Francisco das Neves Alves e Luciana Gepiak
- Coleção Rio-Grandense, 155
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2026

ISBN – 978-65-5306-142-2

CAPA: Retrato de Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro e exemplares da *Violeta* e do *Corimbo*.

SUMÁRIO

A Violeta: breve histórico acerca de seu itinerário / 11

Francisco das Neves Alves

A imprensa feminina no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: uma abordagem das características editoriais do *Corimbo* / 55

Luciana Coutinho Gepiak

A Violeta: breve histórico acerca de seu itinerário

Francisco das Neves Alves*

Em meio ao gigantesco acervo da Biblioteca Rio-Grandense ganha destaque a sua coleção de periódicos, que abrange um amplo contexto, envolvendo publicações estrangeiras e nacionais de quase todas as regiões brasileira. Tal magnitude fica ainda mais evidente no que tange aos jornais sul-rio-grandenses e torna-se imbatível na referência à imprensa da cidade do Rio Grande, em comparação a qualquer outra instituição congênere. Em relação às folhas rio-grandinas, a hemeroteca da entidade abrange os mais variados gêneros jornalísticos, como os diários, alguns longevos, outros de breve existência, os político-partidários, os

* Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

noticiosos, os literários, as revistas ilustradas, os pasquins, os ilustrado-humorísticos, os representantes de segmentos socioeconômicos, entre tantos outros. Em meio a essa variadíssima gama, há também destaque para a imprensa feminina, que teve um papel fundamental para a expressão da escrita feminil, notadamente nas décadas finais do século XIX até meados da centúria seguinte. Dentre os integrantes desse periodismo feminino, esteve a *Violeta*, uma das precursoras em seu estilo na conjuntura gaúcha¹.

Os avanços e luzes característicos do século XIX não atingiram a plenitude em meios às sociedades ocidentais da época, permanecendo alguns ferrenhos conservadorismos. Um deles esteve ligado à manutenção das restrições sociais impostas às mulheres, com a continuidade em larga escala dos laços patriarcais que pretendiam manter o sexo feminino aferrado às lides domésticas e restrito ao âmbito do lar, devendo permanecer as mulheres inexoravelmente atreladas ao papel de mãe e esposa. Contra tal subordinação levantaram-se muitas vozes e dentre elas, desempenharam papel fundamental as diversas representantes da escrita feminina que, por meio das palavras, empreenderam verdadeiras batalhas em prol da causa da emancipação da mulher.

Tais mulheres escritoras se espalharam pelo mundo, levando em frente uma batalha dura, contra um inimigo que parecia imbatível, vinculado ao conservantismo social predominante. Entre avanços e recuos, a escrita feminina foi ganhando espaço, embora

¹ Texto ampliado a partir de: ALVES, 2013, p. 125-141; ALVES, 2018a, p. 95-122; ALVES, 2018b; e ALVES, 2018c, p. 131-144.

muitas vezes refutada, menosprezada e até ridicularizada, enfrentando toda a espécie de preconceito e, fundamentalmente, a tentativa do silenciamento. Nesse campo da escrita, as mulheres representavam um contingente tão diferenciado numericamente quanto à predominância masculina que nesta época se lapidou a expressão “homens de letras” para designar a intelectualidade. Claro que o termo “homem” poderia trazer em si o sentido da própria humanidade, mas não deixava de, ainda que sub-repticiamente, apresentar um viés reducionista quanto ao gênero.

Essa foi uma época em que o ato de escrever não foi fácil para as mulheres. Por várias vezes, sua escritura ficava restrita ao domínio privado, ou seja, transformar o escrito em algo público constituía um processo prenhe em dificuldades. As escritoras tiveram de enfrentar o sarcasmo que acompanhava as mulheres que pretendiam ser autoras. Era uma fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las nestas condições. Além disso, ficavam também demarcadas as dificuldades de reconhecimento para que uma mulher conseguisse transpor a barreira das letras. Mas não foi um caminho estéril em resultados, pois, apesar de tudo, as mulheres transpuseram esses obstáculos, vindo a conquistar a literatura (PERROT, 2015, p. 97-99).

A produção textual de autoria feminina se distingue de outros textos por possuir um tom, uma dicção, um ritmo e uma respiração próprios, com uma plena articulação entre uma escrita intimista e as reflexões diante da realidade (BRANCO, 1991, p. 13-14). Na escrita feminina podem ser identificadas tanto as

indagações, os desejos reprimidos ou incontroláveis e a batida sufocada ou desenfreada dos corações (BRANCO, 1989, p. 87), quanto os olhares reflexivos sobre a sociedade nas quais as escritoras estavam inseridas. Nos textos literários de autoria feminina podem surgir algumas marcas específicas ou rastros de subjetividade (MAGALHÃES, 2005, p. 9) os quais interagem com a conjuntura que cerca tais textos.

A escrita feminina pode trazer em si a identificação de características literárias próprias, ou seja, as obras de autoria feminina podem apresentar “qualidades”, em sentido neutro, próprias, as quais aparecem tão diversificadas quanto as encontradas entre obras de homens escritores. Nessa linha, ocorre a possibilidade de que sejam detectados alguns traços comuns, detonadores de afinidades, ou de um “denominador comum”, para além das múltiplas diferenças (MAGALHÃES, 1995, p. 17).

Em se tratando do final do século XIX e primórdios do XX, há uma tendência de que tais características intrínsecas da escrita feminina fossem mais evidentes, tendo em vista a condição social imposta à mulher, criando-lhe significativos obstáculos que se antepuseram constantemente à sua ação. Desse modo a produção textual feminina, em suas peculiaridades ou similitudes está fortemente vinculada aos contextos histórico-culturais e sociais específicos em que foi elaborada, ou seja, como fenômeno histórico que é, tal escrita não fica intocada pelo devir histórico (MINGOCHO, 2005, p. 8).

No contexto sul-rio-grandense, várias mulheres dedicaram-se às letras e, com formas de agir e pensar que variaram entre si, também agiram decisivamente na

mudança de horizontes quanto ao papel social feminino. Dentre essas escritoras teve destaque uma poetisa e jornalista que, desde a juventude, empreendeu um grande esforço em prol da transformação de paradigmas. Ela nasceu a 21 de outubro de 1855 e chamava-se Julieta Nativa de Melo. Pertencia a uma família fortemente vinculada às letras, envolvendo o avô Manoel dos Passos Figueroa, escritor e jornalista; a mãe, Revocata dos Passos Figueroa Melo, professora e poetisa; o tio Manoel dos Passos Figueroa, engenheiro e escritor; outro tio, Deodato dos Passos Figueroa, professor e escritor; e a tia Amália Figueroa, poetisa. Além disso, havia o irmão, Otaviano Augusto de Melo, poeta que manteve um jornal literário e Revocata Heloísa de Melo, escritora e periodista, ao lado da qual empreendeu incansavelmente a batalha através da palavra escrita. Para completar, ela se casou com o jornalista e poeta Francisco Pinto Monteiro, incorporando o sobrenome do marido, vindo a assumir o nome pelo qual ficaria mais conhecida – Julieta de Melo Monteiro.

Desde cedo, Julieta Monteiro passou a atuar como colaboradora junto à imprensa periódica, escrevendo para os mais variados gêneros jornalísticos, mormente junto das publicações literárias, mas também em jornais informativos, comemorativos, ilustrados e até caricatos. Ao final dos anos setenta, entre 1878 e 1879, ela se lançou no caminho que não mais abandonaria, fundando a *Violeta*, um semanário literário cuja redação e colaboradoras eram essencialmente do sexo feminino, bem como tinha por público alvo basicamente as mulheres. Apesar das pequenas dimensões, o periódico obteve certa projeção, notadamente no que tange ao

intercâmbio promovido o qual atingiu a maior parte das regiões brasileiras e chegou mesmo ao exterior.

Em seguida, no ano de 1883, Julieta esteve ao lado da irmã Revocata na execução de uma das mais importantes publicações literárias e femininas, tanto no contexto regional, quanto no nacional, através da edição do *Corimbo*, folha que marcou época em termos de escrita feminina, na difusão da leitura entre as mulheres e na busca por transformações no papel social feminino. Auxiliando a irmã no gerenciamento do jornal ou atuando diretamente na redação, Julieta Monteiro permaneceu no *Corimbo* até a sua morte, em 27 de janeiro de 1928. Ainda que as forças da escritora estivessem centradas na execução desta folha, ela não deixou de colaborar recorrentemente com outros jornais na conjuntura regional, nacional e até internacional.

Além de atuar incessantemente junto à imprensa, Julieta de Melo Monteiro publicou vários livros, como *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1891), *Coração de mãe* (1893), *Alma e coração* (1897), *Berilos* (1911) e *Terra Sábara* (1928 – edição póstuma). Como típica representante da intelectualidade de sua época, Julieta Monteiro teve uma ação amplamente diversificada, pois, além de poetisa e jornalista, foi contista, cronista e dramaturga. Também no campo profissional, durante boa parte de sua vida, permaneceu ao lado da irmã Revocata na função de professora. Em termos políticos, foi aliada das forças partidárias liberais que enfrentaram o autoritário modelo castilhistaborgista, predominante no Rio Grande do Sul, ao longo da República Velha.

A escritora obteve projeção na vida cultural e literária do Rio Grande do Sul, deixando um legado às letras rio-grandenses, o qual pode ser avaliado não só

pelo pioneirismo na imprensa feminina, como também através da criação de mecanismos para a divulgação da literatura, sobretudo pelas mulheres. Tal ação fica evidenciada em seus livros, nas tantas páginas dos periódicos em que colaborou, em sua atuação na *Violeta* e no *Corimbo* e na liderança exercida junto de entidades ligadas ao sexo feminino, estabelecendo enfim um intenso trabalho, desenvolvido em prol das letras e da mulher (MOREIRA, 2014a, p. 212-214).

Julietta de Melo Monteiro teve uma longa carreira que se desenvolveu desde o início dos anos setenta do século XIX, quando, bastante jovem, passou a atuar na colaboração com diversos jornais, até o encerramento de sua vida, ao final da década de vinte da centúria seguinte. Desse modo, foi aproximadamente meio século de ampla dedicação à escritura, contribuindo decisivamente para a difusão da escrita e da leitura feminina. Ela conquistou reconhecimento e lançou mão do mesmo para difundir suas ideias, notadamente vinculadas a um novo papel social para a mulher. Ainda que tivesse uma visão moderada, a autora não deixou de defender mudanças, principalmente a partir da educação feminil.

A presença dessas mulheres escritoras no ambiente extremo-meridional brasileiro constitui um interessante caso para a história da literatura brasileira e sul-rio-grandense. Ainda assim, suas ações muitas vezes foram menoscabadas em termos de registro. No Brasil, em geral, a voz da mulher era muito pouco ouvida, o que pode ser constatado a partir das histórias da literatura brasileiras, ao proceder-se a um inventário das autoras do sexo feminino. No caso do Rio Grande do Sul, tal fenômeno se aprofunda, tendo em vista o pejo da

inferioridade que por tanto tempo recaiu sobre a condição feminina, de modo que muitas delas foram negligenciadas pelas histórias da literatura. Nesse quadro, Julieta chegou de certo modo a constituir uma exceção, obtendo certa notoriedade (MOREIRA, 2014b, p. 38). Este livro visa à realização de alguns estudos de caso sobre a autora, voltados ao seu reconhecimento intelectual e à sua ação como autora de livros, poetisa, editora e militante.

O ato de editar periódicos constituiu uma prática fundamental à difusão da escrita feminina. Nesse sentido, Julieta Monteiro empreendeu uma ação coletiva, notadamente através da imprensa, que mobilizava escritoras e leitoras de vários lugares. De acordo com tal perspectiva, ela auxiliou na formação de uma rede de apoio para as mulheres literatas e ajudou-as a combater os preconceitos contra a produção feminina no mundo masculino da literatura (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 308). Ocorria então uma tendência de certa solidariedade unificadora entre tais mulheres que não se encontravam isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formavam uma espécie de rede feminina que se estendia do âmbito regional ao internacional (SOARES, 1980, p. 145-146).

Assim, ao final da década de 1870, ocorreria um dos pontos altos da carreira de Julieta, quando, entre março de 1878 e julho de 1879, promoveu a edição do periódico *Violeta*. Tal publicação constituiu uma experiência breve no cronológico, mas com uma especial relevância, uma vez que, além de orientar-se por uma natureza estritamente literária, trazia consigo também um pioneirismo, já que foi uma das primeiras representantes da imprensa feminina no contexto

gaúcho. Nesse sentido, a folha tinha um norte editorial voltado essencialmente para o público feminino e seus textos redacionais e colaborações eram elaborados por mulheres.

Como era comum à época, a elaboração da *Violeta* era uma atividade praticamente unipessoal, ficando as diversas etapas da redação, revisão, confecção e distribuição do jornal nas mãos da própria Julieta Monteiro. Tal periódico trazia editoriais e expedientes da lavra da redatora e proprietária e sessões destinadas à prosa, à poesia, às correspondências e ao entretenimento, contando com a participação das colaboradoras. Apesar das pequenas dimensões, a *Violeta* atingiu significativo êxito, uma vez que, por meio da troca de exemplares, granjeou um extraordinário intercâmbio que atingiu várias localidades gaúchas e cidades nas mais variadas regiões do império, abrangendo quase todas as províncias. Essa permuta não se limitou ao território brasileiro, chegando ao exterior, contribuindo para a difusão da produção literária feminina gaúcha nos mais variados âmbitos, além de levar o nome de Julieta para além das fronteiras locais e regionais.

RIO GRANDE DO SUL — DOMINGO 2 DE JUNHO DE 1878

ASSIGNATURA
PARA ESTA CIDADE
500 REIS MENSUAES
ADIANTADO.

VIOLETA

ASSIGNATURA
PARA FORA 2\$000
TRIMESTRE
ADIANTADO.

PERIODICO LITTERARIO CRITICO E INSTRUCTIVO.

Proprietaria e Redactora Julieta de M. Monteiro

ANNO 1°

ESCRITORIO RUA DE FRANCISCO MARQUES N° 60.

N° 12.

Violeta

Recebemos durante a semana
os seguintes jornaes :

O DOMINGO. — Corte.

GAZETA DE CAMPINAS. — Campinas.

GAZETA DE SOROCABA. — Sorocaba.

GAZETA RIO CLARENSE. — Rio Claro.

DIABRETE, LUSITANO, e CENSOR. —
Rio Grande.

REVISTA GABRIELENSE. — S. Ga-
briel

CAIXEIRO. — Porto Alegre.

VIOLETA — Santa Victoria.

PROGRESSO LITTERARIO. — Pelotas
Agradecemos.

Rosas Litterarias.

A MUSICA.

A musica predomina a toda creatu-
ra fadada ao sentimentalismo ; pren-
de, enleva, arrebat em seus dulcis-
simos enlevos !

Quem ha ahi que possa sem com-
moção, sem entusiasmo d'alma, sem
uma embriagadora impressão, ouvir
esses sons do céu banhados de inde-
finivel melodia ?

Quer nos vejamos embalados por
esse conjunto de doces harmonias,
sublimes inspirações das fecundas
imaginações de Weber, Beethoven,

Spohr, Schubert, grandiosos cultores
da divina musica allemã ; ou as im-
mortaes composições, do tão chorado
cantor da Sicilia, o mavioso Bellini ;
ou de Rossini, genios desabrochados
à voz da barcarola, lá sobre o decan-
tado golpho italiano, ou mesmo na
musica dramatica dilecta de Auber,
Gréty, Sulzy, etc., nomes que lega-
rão à França, gloriosas flores para
sua corôa de artistas ; é sempre a mu-
sica a bella encantadora e formosa fi-
lhado do céu !...

Não fallo dessa musica chula, das
polkas ou habaneiras, executada ape-
nas, para servir de passatempo ; sons
que vão-se com a vortice da dança,
sem encontrarem echo nos corações.

Fallo da musica que nos adormece
em vaporosas sciencias, d'essas Oceras
cujas execuções profissionais, pren-
dendo-nos o espirito trazem total es-
quecimento dos objectos que nos ro-
deão, para só vermos o executor em
meio d'esse turbilhão de flores artis-
ticas !

Amo a musica, ella que nos acom-
panha desde as faxas infantis até o
ultimo marco da vida !

Alegre, ruidosa, verdadeira nuncia
de felicidade, quando preside as ri-
dentes festas de baptismo, casamen-
to ou felizes anniversarios, cujas
dactas são inquebrantaveis élos d'es-
sa cadeia de recordações, que tanto
importa ao amor de familia.

Ao criar a *Violeta*, sua editora divulgou um programa no qual expressava seus intentos com a publicação do periódico, bem como demarcava algumas de suas perspectivas quanto ao jornalismo literário e à própria conjuntura da literatura de então² (O COMERCIAL, 18-19 mar. 1878, p. 1). E tal visão não era das mais positivas, pois, segundo Julieta aquele empreendimento jornalístico visava a ser mais uma tábua, uma prancha, lançada ao grande naufrágio em que ia a literatura na província. Na opinião da periodista, esse naufrágio se evidenciava, não por falta de amor às letras e à liberdade, nem pela minguagem de talentos, mas sim por uma frieza sistemática que a tudo enregelava e pretendia sufocar.

**Coluna dedicada ao anúncio da origem da *Violeta*
publicada no diário rio-grandino *Comercial*, contendo o
programa do hebdomadário:**

Foi anteontem distribuído o primeiro número de um pequeno jornal que tem por título *Violeta*, periódico literário, crítico e instrutivo, redigido pela inteligente Sra. D. Julieta de M. Monteiro, que deve ser bem acolhido e merecer a consideração pública, principalmente do belo sexo.

O seguinte programa é já uma prova dos recursos intelectuais de que dispõe a Exma. Sra.:

² Uma das mais completas coleções do periódico *Violeta* pertence à Biblioteca Rio-Grandense. Em tal hemeroteca, entretanto, não há o número inaugural do semanário, de modo que o programa da folha foi encontrado nas páginas do *Comercial*, publicação diária que circulava na cidade do Rio Grande na mesma época da gênese da *Violeta*.

PROGRAMA

É mais uma tábua, uma prancha, lançada ao grande naufrágio em que vai a literatura nesta patriótica província; naufrágio que se evidencia, não por falta de amor às letras e à liberdade, nem pela míngua de talentos, mas sim por essa frieza sistemática que a tudo enregela e pretende sufocar.

A literatura, essa pérola divina escapada dos lábios da Providência; a poesia, essa linguagem melíflua que nos fala com todos os acordes de uma harpa encordoadas no céu, se tem um horizonte, se tem uma arena vasta para os seus elegantes devaneios, nenhum e nenhuma mais férteis em sazonar e produzir resultados que esta nobre e invicta província; onde por um dote como que natural das musas, a mocidade inspira-se, ora nos grandes faustos de um glorioso passado, ora nessa natureza esplendente e sempre pródiga de maravilhas sublimes.

Infelizmente, porém, o egoísmo, essa máscara de gelo com que se embuça a face do obscurantismo, não quer e não consente, que nem por simples ensaio as jovens de hoje travem de suas mimosas penas e venham preencher nas lutas grandiosas da ideia, o lugar de honra que lhes destina o natural impulso.

Como em outros tempos, o vocábulo do LITERATO, era tomado à esguelha pela ignorância dos papalvos aristocratas, verdadeiros empadões políticos de outrora, parece que também hoje se desenvolve a epidemia malina; se bem que muitos de nossos literatos rio-grandenses, se tenham elevado à altura a que não podem atingir os grossos volumes de LOIRAS a que hoje se venera e... respeita.

Querendo por esse motivo a *Violeta* cometer uma cruzada toda de interesse público e utilidade instrutiva, sai altamente bela, logo que também o ilustrado público lhe preste o apoio de que necessita.

Na arena literária, a nossa profissão de fé é a seguinte:

Aceitarmos os escritos que tendam a interesse instrutivo e por consequência útil.

Submeterem-se os autógrafos a uma comissão de revisão, isto a fim de que não se confundam escritos de mérito reconhecido, por outros que nada têm de aceitação.

Com estas ideias, e com outras que em artigos subsequentes iremos traçando acerca do nosso programa, está estabelecida a modesta *Violeta*, para a qual pedimos a proteção pública, por vir ela concorrer para o grande sucesso, qual o de instruir, recrear e deleitar a todas as classes da sociedade.

Esperamos, pois, se a felicidade coroar nossos esforços, em breve tempo, melhorarmos de material, bem como aumentarmos o formato deste jornalzinho.

Na apresentação da *Violeta*, sua criadora fazia uma ode à literatura, considerando-a como uma pérola divina escapada dos lábios da providência. Dizia também que a poesia, apontada como a linguagem melíflua que falava com todos os acordes de uma harpa encordoada no céu, teria no Rio Grande do Sul um horizonte e uma arena vasta para os seus elegantes devaneios. Julieta enfatizava que a província sulina estaria entre as mais férteis em sazonar e produzir resultados, pois ali, por um dote como que natural das musas, a mocidade inspirava-se, ora nos grandes faustos de um glorioso passado, ora em uma natureza esplendente e sempre pródiga de maravilhas sublimes. Apesar de tal expectativa, a poetisa constatava que a perspectiva otimista não se confirmava, ainda mais no caso da escrita feminina. Para ela, “o egoísmo, essa máscara de gelo” com que se embuçava “a face do obscurantismo”, não queria e não consentia que nem por

simples ensaio as jovens travassem de “suas mimosas penas” e viessem preencher nas “lutas grandiosas da ideia”, o lugar de honra que lhes destinava o natural impulso.

O tom crítico permanecia na apresentação do periódico, na qual Julieta Monteiro argumentava que, em outros tempos, o vocábulo literato, era tomado à esguelha pela ignorância dos “papalvos aristocratas”, verdadeiros “empadões políticos de outrora”. Segundo ela, esses tempos continuavam a se fazer presentes, quando se desenvolvia a “epidemia malina”. Diante disso, a jornalista declarava que a *Violeta* pretendia cometer uma cruzada toda de interesse público e utilidade instrutiva, surgindo altamente bela, logo que também o ilustrado público lhe prestasse o apoio de que necessitava.

Com base em tal pressuposto, a editora do periódico definia as metas do mesmo, afirmando que, na arena literária, a profissão de fé da publicação envolvia: a aceitação de escritos que tendessem ao interesse instrutivo e por consequência útil; e os autógrafos seriam submetidos a uma comissão de revisão, de maneira que não fossem confundidos escritos de mérito reconhecido, com outros, que nada tinham para a aceitação. Nesse sentido, Julieta garantia que, a partir de tais ideias, e junto a outras, que em artigos subsequentes seriam traçadas acerca do programa, estaria estabelecida “a modesta *Violeta*”, para a qual pedia a proteção pública, por vir ela a concorrer para o grande sucesso, qual o de instruir, recrear e deleitar a todas as classes da sociedade. Assim, a proprietária e redatora concluía a apresentação, esperando que, se a felicidade coroasse seus esforços, em breve tempo, promoveria melhoras do

material, bem como aumentaria o formato daquele “jornalzinho”.

A *Violeta* era apresentada no frontispício como periódico literário, crítico e instrutivo, invertendo, posteriormente, para literário, instrutivo e crítico, constituindo um hebdomadário publicado aos domingos. Os principais segmentos do semanário eram “Rosas literárias”, para os textos em prosa e “Íris poético”, destinado aos poemas. Havia ainda as “Miríades”, trazendo a publicação de correspondências. O título desta última seção aludia a um grande número, dando a entender que a quantidade de cartas era considerável. Tanto a partir do envio de colaborações em prosa ou verso, quanto por meio das tantas missivas, reforçava-se o papel do periódico no estabelecimento de uma rede de escritoras e leitoras com pendores e gosto pelas letras.

A linha editorial do periódico era complementada por tópicos voltados ao entretenimento, com jogos de paciência, charadas, logogrifos, os quais angariavam significativa popularidade. Como redatora, Julieta Monteiro era a responsável pela maioria das matérias editoriais do periódico, bem como do expediente, cujos maiores destaques eram as várias transcrições de outros periódicos e suas recepções quanto à *Violeta* e apreciações do conteúdo dos jornais intercambiados e de livros publicados. Ela também levava ao público os avisos quanto ao funcionamento interno do jornal, aos detalhes dos intercâmbios e aos apelos aos assinantes.

O fato da publicação da *Violeta* constituir uma atividade praticamente unipessoal da parte de Julieta ficava evidenciado também nas notas por ela publicadas, visando a combater a inadimplência dos favorecedores, a estabelecer escusas por alguma falha na distribuição/circulação do periódico e a evidenciar os óbices oriundos da dificuldade em obter funcionários. As tarefas eram tantas, que cada momento superado era considerado como digno de comemoração. Julieta Monteiro teve de enfrentar dificuldades de todas as ordens para dar continuidade ao seu projeto editorial. Muitos desses problemas estavam vinculados ao próprio caráter unipessoal da atividade, com a concentração de funções nas mãos da proprietária. A assinatura do periódico custava 500 réis mensais ou 1\$500 réis trimestrais, pagos adiantados, para o âmbito citadino, e, para fora da cidade, o preço era de 2\$000 réis adiantados, por trimestre. Às vésperas da publicação completar seu primeiro trimestre, já havia cobranças quanto aos favorecedores inadimplentes, de modo que Julieta Monteiro pedia aos assinantes que ainda estivessem em débito com a empresa que fizessem o obséquio de mandar saldar tal dívida (VIOLETA, 19 maio 1878, p. 1).

Ainda que tenha obtido significativa repercussão, apesar de seus próprios limites, *A Violeta* teve de enfrentar ao longo de sua existência as relevantes dificuldades que normalmente se antepunham aos representantes da pequena imprensa. Um desses embaraços estava ligado à venda de assinaturas, única fonte de renda da folha, bem como a inadimplência daqueles que deveriam contar como seus favorecedores. Nessa linha, os avisos tornavam-se recorrentes, como no

caso da publicação de um pedido endereçado aos assinantes que ainda se achavam em débito com a empresa, para os quais a redação rogava o obséquio de o mandarem saldar (VIOLETA, 19 maio 1878, p. 1). As cobranças eram retomadas já no segundo ano de existência da folha que rogava a todos os seus assinantes tanto do Rio Grande, como de fora dele, especialmente aos da cidade gaúcha de Bagé, que ainda se achavam atrasados em seus pagamentos para com aquela pequena empresa, o obséquio de mandarem satisfazer tal importância o mais breve possível, tendo em vista a entrada em um novo trimestre, período base no pagamento das assinaturas (VIOLETA, 13 abr. 1879, p. 2).

Ainda a respeito do problema do pagamento das assinaturas associado ao da distribuição, a folha editou uma nota sob o título “Procedimento inqualificável”, explicando que só assim se poderia chamar aquele que haviam acabado de ter os assinantes residentes na vizinha cidade de Pelotas para com aquela pequena empresa. Passava então a detalhar o ocorrido, destacando que, durante um semestre, fora enviada quantia muito superior a cem exemplares, para que o seu agente fizesse a distribuição entre os assinantes e as redações de outros jornais, entretanto, quase ao concluir-se o trimestre, foram também remetidos ao mesmo agente os recibos para que ele procedesse à cobrança, visto que o pagamento deveria ser adiantado. Diante de tal perspectiva, o semanário manifestou sua surpresa quando aquele funcionário mandou dizer que todos os assinantes se negavam a pagar pelo motivo de que a folha rio-grandina havia muito não publicava crônicas daquele lugar, deixando por isso de interessar aos

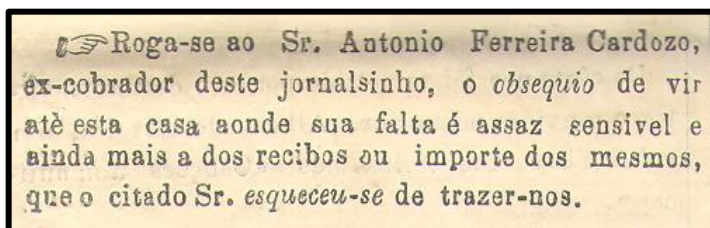
pretensos favorecedores. Perante tal comentário, o periódico literário afirmava que não queria crer que entre tantas pessoas não houvesse uma que se interessasse pela literatura e que todas fossem assinantes por mera curiosidade de novidades (VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

Dentre os obstáculos que assolavam a existência da publicação literária rio-grandina estavam também os de natureza técnica, que potencializavam seus efeitos por tratar-se de uma edição realizada em meios praticamente artesanais. Nesse sentido, a *Violeta* publicava uma nota intitulada “Aos nossos assinantes”, na qual avisava que, tendo havido um pequeno desarranjo no seu prelo, fora um de seus números impresso na tipografia de outro jornal, na qual se dera um terrível engano ao colocarem-se as páginas no prelo, pelo que a redação pedia mil desculpas a seus favorecedores, esperando que aquilo jamais se reproduzisse novamente (VIOLETA, 31 mar. 1878, p. 1). Havia problemas também ligados à revisão dos textos, como no caso de alguns erros que teriam escapado numa das edições do periódico, especialmente na pontuação de uma narrativa. Diante dessa falta involuntária, o semanário mais uma vez desculpava-se, bem como dizia esperar das esclarecidas inteligências de seus assinantes a pronta correção dos mesmos (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 2). Mais tarde, já próximo de suas últimas edições, o semanário avisava que, devido a um pequeno desarranjo havido em seu prelo, fora obrigado a não distribuir seu exemplar referente à última edição, o que bastante contrariava a redação que, da benevolência de seus leitores, esperava merecer desculpa para essa falta involuntária (VIOLETA, 11 maio 1879, p. 1).

A organização dos trabalhos nas oficinas de um periódico que constituía um representante da pequena imprensa tinha de ser extremamente simplificada, pois, praticamente não havia funcionários, ficando as diversas etapas da elaboração do jornal nas mãos de seu proprietário. De acordo com tal perspectiva, o responsável pela publicação, muitas vezes, tinha sob sua responsabilidade a idealização, a planificação e a confecção de cada uma das edições, atuando na redação, revisão, formatação, impressão e até na distribuição da folha. Com poucos recursos, essas publicações não tinham condições de pagar boas remunerações, diante do que escasseava a possibilidade da contratação de empregados e, quando isso se tornava possível, a qualidade do serviço prestado normalmente não era das melhores. A *Violeta* foi atormentada por tais males, vindo a ter constantes problemas com seus representantes comerciais, notadamente na vizinha cidade de Pelotas e, mais ainda, com seu serviço de cobranças.

Desse modo, foi recorrente nas páginas do semanário o anúncio da necessidade de um cobrador (VIOLETA, 30 jun. 1878, p. 1; 14 jul. 1878, p. 1; e 28 jul. 1878, p. 1). Além das dificuldades de obter um funcionário para as cobranças, quando o conseguia, o mesmo deixava a desejar, como ficou demonstrado em avisos publicados recorrentemente pelo jornal nos três últimos meses de 1878. Assim, o periódico rogava a um ex-cobrador que fizesse o obséquio de comparecer à sua oficina, pois a sua falta era assaz sensível, e ainda mais a dos recibos ou a importância referente aos mesmos que ele se *esquecera* de trazer à redação (VIOLETA, 20 out. 1878, p. 1; 27 out. 1878, p. 2; 3 nov. 1878, p. 1; 10 nov.

1878, p. 2; 17 nov. 1878, p. 1; 1º dez. 1878, p. 1; 8 dez. 1878, p. 2; e 22 dez. 1878, p. 2). A impaciência da redatora crescia e o aviso ganhava um tom mais agressivo, sendo perguntado ao ex-funcionário quando ele pretendia dignar-se a visitar o escritório do jornal, trazendo em sua *amável* companhia os recibos que lhe haviam sido confiados ou valor correspondente a eles. A raiva diante do ato ficava expressa nas palavras pelas quais não se sabia se tal indivíduo era cego ou surdo e, por conseguinte, continuaria a ser chamado (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 1).



A inconstância na distribuição era um dos maiores males que afetava a pequena imprensa e a *Violeta* também sentiria seus efeitos. Manter a circulação regular era uma constante preocupação da folha que chegou a rogar a seus assinantes que, no caso de irregularidade na sua entrega, mandassem declarar no escritório da empresa, para que providências fossem tomadas prontamente (VIOLETA, 7 abr. 1878, p. 1). Uma das estratégias mais utilizadas pelos pequenos jornais de então, também foi praticada pela *Violeta* que chegou a antecipar o envio de exemplares para possíveis assinantes, pedindo, no entanto, às pessoas a quem fossem entregues e que não desejassem coadjuvar com a

sua proteção, o obséquio de devolvê-los na empresa ou aos seus agentes, visando, assim ampliar a distribuição da publicação para novos favorecedores. Apesar dos cuidados, ainda no seu primeiro trimestre, o semanário declarava que, por motivos alheios à sua vontade deixara de sair à luz um de seus números, cuja falta ficaria suprida com a edição seguinte, para que continuasse dali em diante com a mesma regularidade (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Como grande parte das etapas da elaboração do jornal ficava nas mãos da proprietária, problemas de qualquer natureza por ela enfrentados poderiam prejudicar a distribuição da folha. Nesse sentido, o semanário desculpava-se diante de seus favorecedores por não ter sido feita a entrega de um de seus números, tendo em vista os tristes motivos que provocaram tal falha, numa referência à perda de um parente da redatora. Em compensação, dizia que na oportunidade dois números haviam sido distribuídos, de modo a preencher aquela falta (VIOLETA, 6 out. 1878, p. 2). Na mesma linha, o jornal teve a sua circulação suspensa durante os três primeiros meses de 1879, por motivo do falecimento do pai da redatora e proprietária. Ao retornar, a folha declarava que, após uma interrupção de três meses, motivada a princípio por desgostos de família e mais tarde por motivos particulares, aparecia novamente a singela *Violeta* a implorar a proteção do público ilustrado. Além disso, avisava aos assinantes que se tinham adiantado em pagamentos com a pequena empresa, que nada sofreriam os seus interesses com a suspensão da edição, visto que haveria o cuidado de indenizá-los diante daquela ausência (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 2).

A publicação chegaria a buscar alternativas para as dificuldades que a cercavam, como foi o caso da proposta de distribuir juntamente com cada exemplar meia folha contendo anúncios, não sendo por tal inovação alterado o preço do jornal, de modo que esperava ampliar o merecimento da proteção pública. Tal estratégia era justificada pelo fato do periódico ter circulação por quase todas as províncias do império e fazendo os anúncios por menor preço do que qualquer outro, esperava não ser esquecido pelos seus assinantes e pelo público em geral (VIOLETA, 11 maio 1879, p. 1). A despeito de todos os esforços, os obstáculos passavam a predominar, chegando a redação a confessar que, apesar da busca por manter a máxima pontualidade na remessa do jornalzinho, não sabia a quem ou a quem atribuir o descaminho pelo mesmo sofrido, uma vez que eram contínuas as reclamações daqueles que diziam não tê-lo recebido (VIOLETA, 1º jun. 1879, p. 1). As falhas na distribuição tornavam-se cada vez mais recorrentes, levando a folha a declarar que mais uma vez se vira forçada a faltar com uma edição aos seus assinantes. Diante de tal problema, o semanário justificava que era bastante sensível à falta de cumprimento daquele compromisso, que infelizmente ocorrera tendo em vista a falta de empregados pela qual era acometida aquela pequena empresa (VIOLETA, 15 jun. 1879, p. 2).

As precariedades se avolumavam e nova interrupção ocorreria, tanto que o jornal mais uma vez dedicava aos seus assinantes, a quem de coração agradecia a proteção até então dispensada, o pedido de mil desculpas pela irregularidade com que ultimamente vinha sendo distribuída a folha, chegando a prever que, com a entrada de novo mês e trimestre, seria feito todo o

possível para que não se reproduzissem tais anormalidades e manifestando a esperança de não ser abandonado pelo favor público (VIOLETA, 6 jul. 1879, p. 1). Até mesmo as novas estratégias de vendas eram nulificadas diante das constantes interrupções, de modo que o jornal declarava que se vira obrigado a deixar morrer logo ao nascer o seu projeto de distribuir junto de cada exemplar meia folha de papel com anúncios. O periódico justificava que fora forçado a assim proceder pela mesma razão que fizera com que o jornal fosse publicado tão irregularmente, ou seja, a falta de empregados. Mas, ainda com alguma esperança, o semanário previa que, logo que estivesse melhor servido, voltaria à ideia original (VIOLETA, 13 jul. 1879, p. 1). As melhores condições não viriam e a “modesta florzinha literária” cada vez mais perdia sua seiva de sustentação e sucumbia diante de tantas intempéries.

Nesse quadro, manter uma folha literária não era empreitada fácil e, a cada edição na qual fechava mais um período de existência, surgia um motivo de comemoração por parte do semanário que observava com orgulho os alcances que vinha obtendo, ainda que o caminho fosse prenhe de estorvos. Nesse sentido, a *Violeta* demarcava a data na qual finalizava o seu primeiro mês de existência, desejando que Deus quisesse que o mesmo orvalho que lhe tinha dado vida até então, continuasse a alimentá-la (VIOLETA, 14 abr. 1878, p. 1). Na mesma linha, a publicação homenageava seus leitores e colaboradores ao encetar o seu segundo trimestre de circulação, afirmando que faltaria a um sagrado dever se deixasse de gravar em suas páginas um protesto de gratidão a todas aquelas pessoas que se dignaram a prestar-lhe a sua proteção, fosse com seus

belos escritos fosse com suas assinaturas (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Ainda nessa mesma oportunidade em que adentrava o seu segundo trimestre de existência, o jornal destacava que queria corresponder a tantas manifestações de apreço que recebera, de modo que resolvera aumentar o seu formato. Tal melhoramento adviria da crença da folha de que continuaria a ser bafejada pelas bonançosas auras com que até então fora agraciada. Convicta da execução de seu norte editorial, a redação exclamava que aquele jornalzinho, criado exclusivamente para o belo sexo, deveria do mesmo receber toda a proteção, de modo que, figurativamente, nas mãos das distintas brasileiras eram colocadas singelas violetas, esperando que elas jamais fossem deixadas no abandono. Na mesma linha, conclamava a todas àquelas em cujos cérebros se fizesse presente a luz da inspiração, que auxiliassem na árdua, porém bela carreira que era encetada. A ocasião servia ainda para que o periódico manifestasse sua sincera gratidão à ilustre imprensa brasileira, que tão lisonjeira se vinha mostrando para com aquele semanário literário (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

**Editorial alusivo ao segundo trimestre da *Violeta*
(23 jun. 1878)**

Aos leitores

Ao encetarmos hoje o segundo semestre da *Violeta*, faltáramos a um sagrado dever se deixássemos de gravar aqui um protesto de gratidão a todas aquelas pessoas que se

dignaram prestar-nos a sua proteção, já com seus belos escritos, já com suas assinaturas.

Querendo corresponder a essas tantas manifestações de apreço que temos recebido, resolvemos aumentar o formato da *Violeta*, crentes de que continuará ela as ser bafejada pelas mesmas bonanças auras.

Este jornalzinho criado exclusivamente para o belo sexo, deve do mesmo receber toda a proteção.

Nas vossas mãos, pois, distintas brasileiras, depomos as nossas singelas *Violetas*, esperando que jamais as deixeis no abandono.

A todas aquelas em cujos cérebros pulular a luz da inspiração, pedimos que nos auxiliem na árdua, porém bela carreira que encetamos.

E ainda uma vez nossa sincera gratidão à ilustre imprensa brasileira, que tão lisonjeira se tem mostrado para conosco.

Ao entrar em seu segundo ano de existência, após um período de interrupção em sua circulação, o periódico anunciava que, como sempre diligenciado por agradar, especialmente ao belo sexo ao qual se destinava, resolvera fazer algumas alterações em seu programa, tais como trazer de quando em quando uma ligeira notícia sobre modas, ou outra qualquer dessas distrações que tanto agradavam a maior parte do sexo frágil. Diante disso, esperava continuar a merecer o franco acolhimento que até então lhe tinha sido tão benignamente dispensado. Além disso, a folha literária apontava para outras transformações editoriais, prevendo, com a finalidade de dar merecimento ao pequeno jornal, a publicação de escritos a respeito de senhoras ilustres brasileiras e estrangeiras, e,

principalmente, rio-grandenses, diante do que se propunha a receber com a maior gratidão os dados que lhe fossem transmitidos para tal fim. Esclarecia que não só aceitava, mas muito encarecidamente pedia a contribuição das pessoas patrióticas e amantes da literatura. Tal proposta era justificada pelo fato de que o exemplo das mulheres que se distinguiram poderia vir a iluminar muitas inteligências feminis que dormiam esquecidas pela indiferença, as quais despertariam com a narração deslumbrante dos altos feitos de gloriosas ascendentes e não menos ilustres contemporâneas (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 2).

**Editorial alusivo à entrada no segundo ano da *Violeta*
(6 abr. 1879)**

Expediente

Após uma interrupção de três meses, motivada ao princípio por desgostos de família e mais tarde por motivos particulares, aparece hoje de novo a singela *Violeta* a implorar a proteção do público ilustrado.

Como sempre diligenciado por agradar, especialmente ao belo sexo ao qual se destina, tem resolvido fazer algumas alterações em seu programa, tais como trazer de quando em quando uma ligeira notícia sobre modas, ou outra qualquer dessas distrações que tanto agradam à maior parte do sexo frágil.

Assim, pois, espera continuar a merecer o franco acolhimento que até então lhe tem sido tão benignamente dispensado.

A aqueles de nossos assinantes que se tinham adiantado em pagamentos com esta pequena empresa, avisamos de que nada sofrerão os seus interesses com a

interrupção que acaba de ter este jornalzinho, visto que teremos o cuidado de indenizá-los dessa falta.

—

Agradecemos a todas as redações que mesmo durante o tempo em que esteve interrompida a publicação deste periódico não deixaram de enviar-nos os seus. (...)

A todos os distintos colegas nossos sinceros agradecimentos.

—

Temos determinado a fim de darmos maior merecimento ao nosso pequeno jornal, publicarmos nele a biografia de senhoras ilustres brasileiras e estrangeiras, e principalmente rio-grandenses; para o que receberemos com a maior gratidão os dados que nos forem transmitidos para esse fim. Não só aceitamos, mas, até muito encarecidamente pedimos às pessoas patrióticas e amantes da literatura que nos coadjuvem para tal fim.

O exemplo das mulheres que se têm distinguido, não deve ser indiferente, e, quiçá, vá iluminar muitas inteligências feminis que dormem esquecidas pela indiferença, despertando com a narração deslumbrante dos altos feitos de nossas gloriosas ascendentes e não menos ilustres contemporâneas.

Apesar dos tantos obstáculos que se antepunham e da pouca perenidade, a *Violeta* teve um significativo alcance em relação ao seu mote editorial. Tal periódico conseguiu ser muito a contento um representante da imprensa feminina, constituindo um dos precursores nos quadros sul-rio-grandenses. Além da redatora, as tantas

colaboradoras que enviavam textos em prosa e poesia, correspondências e peças de entretenimento eram mulheres. Ainda que muitas se utilizassem de pseudônimos ou iniciais, como era muito comum à época, tal constatação pode ser verificada a partir das próprias notas publicadas pelo jornal, evidenciando tanto o rol de articulistas como o público leitor com o gênero feminino. A folha abria um amplo espaço para as colaborações e a maior parte era de escritoras desconhecidas.

Identificação das colaboradoras que assinaram matérias na *Violeta* e o seu respectivo número de inserções

Americana (41), Revocata Heloísa de Melo/Hermengarda (37), Marieta (35), Julieta de Melo Monteiro/Penserosa (30), *** (13), J. (9), Yayá (7), Emília Saldanha/Emília S. (5), Incógnita (5), H. (4), Lili (4), N. (4), Nyny (4), Cismadora (3), Colibri (3), A Desconhecida (2), Elmira (2), J. Garnier (2), Lili P. (2), Margarete (2), N. da R. (2), Nativa (2), Saturnina E. de Arruda (2), Solitária (2), T. M. (2), Bemvinda Augusta (1), Brandina (1), Celuta (1), E. D. (1), I. V. Ferreira (1), Ignota (1), Isolina (1), J. G. (1), J. N. (1), Maria José da Silveira (1), Marfisa Silveira (1), M. (1), Mimi (1), Nini (1), Noêmia (1), P...S (1), R. (1), RFP (1), S. (1), Sofia (1), Uma Rio-Grandense (1)

Outro dos alcances do periódico esteve vinculado à realização de um constante intercâmbio, promovido a partir da troca de exemplares com publicações de vários lugares. A proprietária fazia questão da manutenção dos intercâmbios, estimulando e agradecendo os parceiros, como ao manifestar a todas as redações dos periódicos

com os quais intercambiava o agradecimento pela permuta que tanto lhe honrava (VIOLETA, 26 maio 1878, p. 1). Por outro lado, Julieta era incisiva quanto à regularidade dos intercâmbios, chegando a avisar que ficaria suspensa a entrega do jornal a todas aquelas empresas tipográficas cujas redações não permutassem seus periódicos com a *Violeta* (VIOLETA, 30 jun. 1878, p. 1). Quanto a tais trocas, ela chegava a pedir às redações de todos os periódicos de fora da província, os quais davam a honra de permutar com a *Violeta*, que, quando realizassem o envio, o fizessem para a cidade do Rio Grande e não a de Pelotas, como acreditava que estava acontecendo por engano, resultando disso que uns se extraviavam e outros demoravam a ser recebidos (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 1)

A redatora mostrou-se jubilosa quando o intercâmbio ultrapassou as fronteiras do império, chegando aos Estados Unidos, de modo que dizia folgar assaz ao dar tal notícia aos seus favorecedores, pois, ainda que tivesse sido geral no Brasil a aceitação do “modesto jornalzinho”, nunca chegara a lhe persuadir que de tão longe receberia tão inequívoca prova de apreço (VIOLETA, 21 jul. 1878, p. 1). A reação também foi de entusiasmo quando a permuta chegou à Europa, havendo o destaque de que a “obscura redação” da *Violeta* não tinha palavras com que pudesse exprimir sua sincera gratidão à tão subida prova de apreço que lhe fora dispensado, a partir do intercâmbio promovido de parte de uma publicação lisbonense (VIOLETA, 13 out. 1878, p. 1).

Mas suas preocupações quanto ao intercâmbio voltavam-se também em relação aos jornais de cidades mais próximas. Foi o caso de ter verificado que um

periódico pelotense não acusava o recebimento da *Violeta*, de modo que participava à redação do mesmo, que vinha sendo pontual na remessa do seu “jornalzinho”, ignorando se ele vinha ou não chegando ao seu destino (VIOLETA, 18 ago. 1878, p. 1). Mais tarde, em relação ao mesmo jornal, Julieta Monteiro voltaria a preveni-lo que o seu recebimento deixara de ocorrer por período de dois meses e fazia o aviso por crer que aquela era uma falta involuntária. Lembrando os problemas que tivera na cidade vizinha, a redatora, com ironia, dizia acreditar que, quanto a entregas, o seu colega tivera no Rio Grande, o mesmo caiporismo que ela em Pelotas (VIOLETA, 6 out. 1878, p. 2)

Tais trocas eram levadas muito a sério por Julieta, a ponto de ela chamar a atenção de uma redação para a qual desde o começo enviara com pontualidade o seu “modesto jornalzinho”, mas, em contrapartida, não chegara a receber mais que dois números da dita folha. Diante disso, dizia não compreender o que estaria ocorrendo e perguntando quem estaria a encarregar-se de extraviar os jornais (VIOLETA, 3 nov. 1878, p. 1). O número de periódicos intercambiados era ampliado constantemente, chegando a ultrapassar uma coluna inteira na exposição de seus títulos. Diante disso foi publicado o aviso que, atendendo a falta de espaço, a redação resolvera dali em diante publicar a revista dos jornais recebidos todas as quinzenas, deixando de fazê-lo semanalmente, como até então (VIOLETA, 15 set. 1878, p. 2).

O sucesso das permutas da *Violeta* foi amplamente significativo, tanto que, das vinte províncias que formavam o império, atingiu quase todas. Tal intercâmbio chegou a quatorze dessas

unidades administrativas, com destaque para as mais importantes em termos de densidade populacional. As exceções foram as longínquas Amazonas, Goiás, Maranhão e Piauí, além de Pernambuco – única província nordestina não atingida –, e, surpreendentemente a vizinha Santa Catarina. O próximo mapa mostra marcadas as províncias brasileiras nas quais a *Violeta* chegou.



Já o quadro seguinte apresenta as diversas localidades com as quais foi promovido intercâmbio com a *Violeta* e o número de inserções apresentado nas páginas do periódico.

Localidades com as quais houve intercâmbio de exemplares com a redação da *Violeta*

- **Rio Grande do Sul** (182) – Rio Grande (30), Pelotas (22), Porto Alegre (22), Santa Vitória (22), Santana do Livramento (19), São Gabriel (16), Jaguarão (14), Uruguaiana (13), Bagé (11), Cruz Alta (10), Alegrete (3)
- **São Paulo** (129) – Campinas (25), Rio Claro (21), Sorocaba (17), Itu (11), Lorena (11), São Paulo (11), São José dos Campos (8), Pindamonhangaba (7), Iguape (6), Bragança (5), Santo Amaro (3), Mogi-Mirim (2), Santos (1), Tatuí (1)
- **Rio de Janeiro** (61) – Rio de Janeiro/Corte (29), Campos (9), Barra Mansa (8), Sapucaia (7), São João da Barra (4), Angra dos Reis (3), Quissamã (1)
- **Minas Gerais** (19) – Ouro Preto (13), São João Del Rei (6)
- **Alagoas** (17) – Maceió (15), Pão de Açúcar (2)
- **Bahia** (14) – Cachoeira (9), Feira de Santana (3), Nazaré (2)
- **Espírito Santo** (14) – Vitória (11), Cachoeiro (3)
- **Sergipe** (8) – Sergipe (4), Aracajú (3), Estância (1).
- **Mato Grosso** (7) – Corumbá (4), Cuiabá (3)
- **Pará** (5) – Santarém (2), Vigia (2), Belém (1)
- **Paraná** (5) – Curitiba (4), Paranaguá (1)
- **Paraíba** (4) – Paraíba -do Norte- (4)
- **Rio Grande do Norte** (3) – Assú (2), Natal (1)
- **Ceará** (2) – Fortaleza (2)
- **EXTERIOR** (7) – Nova York (6), Lisboa (1)

O maior destaque, como não poderia deixar de ser, foi a própria província sulina, chegando o periódico em várias localidades sul-rio-grandenses, com maior evidência para o litoral e as regiões da campanha e da fronteira. Quanto ao âmbito exterior ao Rio Grande do Sul, a ênfase esteve nas localidades paulistas e fluminenses, seguindo-se as demais províncias. Chamava atenção o aspecto pelo qual as permutas não se davam apenas em relação às capitais provinciais, mas também, e por vezes com maior incidência, em relação às cidades interioranas. Houve também a presença do contexto internacional, com Lisboa e Nova York.

No que tange à questão da mulher e o seu papel na sociedade, o perfil das escritoras que colaboravam na *Violeta* era difuso e pouco definido, uma vez que a grande maioria de seus nomes – quase sempre sem o sobrenome, ou identificados por apelidos ou iniciais –, esvaeceu-se na história e/ou na memória literária. Como não se transformaram em cânones literários, as informações a respeito delas ficariam perdidas com o passar do tempo, não encontrando sequer um lugar nos escassos dicionários de cunho biográfico em se tratando do contexto sul-rio-grandense. O certo é que elas se espalhavam por várias das localidades gaúchas, ou mesmo brasileiras ou até do exterior. A proprietária-gerente e redatora principal da folha, Julieta de Melo Monteiro, autora de significativa parte dos escritos publicados foi uma das poucas exceções em tal conjuntura, pois seus trabalhos literários atingiram razoável repercussão para os parâmetros da época, notadamente no âmbito regional.

A *Violeta* não tinha um viés ideológico preciso, ainda mais porque circulou em uma época na qual o

jornalismo ainda apresentava um viés partidário muito expressivo e do qual a folha buscava colocar-se à parte. Dessa forma, em um ambiente onde eram publicados, entre outros, jornais com níveis variáveis de engajamento partidário, menos ou mais doutrinários na defesa de suas posições, bem como pasquins, com seu palavreiro chulo voltado a atacar pessoas e instituições e caricatos com seu espírito crítico-humorístico, a imprensa literária buscava constituir-se em uma alternativa viável em relação aos demais gêneros, oferecendo uma opção de leitura e até de entretenimento diferenciados. Nesse sentido, a *Violeta* intentava estabelecer sua construção discursiva e definir sua linha editorial como fundamentalmente literária.

O semanário trouxe em suas páginas uma prática progressista, ou seja, proporcionar um espaço literário para estimular a produção intelectual feminina e, ao mesmo tempo, promover a leitura entre as mulheres, público alvo básico do jornal, atitude por si só avançada para os padrões sociais e comportamentais de então. Ainda assim boa parte do fulcro discursivo da folha beirava mais a busca de uma posição medianeira, entre a ideia do avanço social feminino, por meio da educação, e as tradicionais funções sociais atreladas ao âmbito doméstico. Tal constatação pode ser observada através de um abreviado estudo de caso, abordando muito, um dos elementos constitutivos presentes na *Violeta*, vinculado à visão expressa em seus textos acerca do papel da mulher na sociedade.

Tal forma de abordagem ficava bem expressa no texto “A mulher bela” (VIOLETA, 24 mar. 1878, p. 1), o qual explicava que o fundamento da beleza não era necessariamente físico e sim comportamental, buscando

demonstrar que “bela” seria aquela mulher que cumprisse bem a contento um dos papéis sociais que lhe era destinado:

A mulher estimável, digna de todo o acatamento, a mulher bela em toda a acepção da palavra é aquela que no centro de seu lar, pela atividade e inteligência, espalha abundância, promove o bem-estar, a paz, a ventura, e pelo seu critério, sisudez e ilustração mantém a boa ordem, economia, trabalho e suave descanso, à sombra de estremecida amizade e do respeito e veneração!

Oh’ essa é a mulher bela, mil vezes bela!

E sabeis vós qual a senda que conduz ao lugar de honra de que vos falo? É pela observância de exemplar virtude, seguindo os passos de uma santa mãe; é no cumprimento de nossos deveres, na retidão e imparcialidade de nossos juízos; é no estudo profundo dos grandes mestres, buscando ilustrar o nosso espírito.

A mulher tola, vaidosa, estúpida, indolente e má, que só pensa nos enfeites, nos passeios e em fúteis e perniciosos passatempos, nunca merecerá o nome de bela, embora seja uma vênus em formosura e elegância.

Já no poema “Mãe” (VIOLETA, 12 maio 1878, p. 2) ficava ainda mais evidenciada uma das funções sociais que a *Violeta* esperava para as representantes do sexo feminino, com uma perspectiva até conservadora para com a maternidade, de modo que a mesma aparecia carregada de cores religiosas, sendo confundida com um verdadeiro sacerdócio, ou ainda mais, como uma missão divinizada:

Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus;
É mais santa que todas as frases
Que os anjinhos murmuram nos céus,
Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus.

É mais pura que todas as rosas
Que um infante dirige ao Senhor;
É mais linda que um sonho de virgem
Que inocente não pensa em amor;
É mais pura que todas as rezas
Que um infante dirige ao Senhor.

Tem em si mais perfumes que o lírio,
Mais doçuras que o mel, que ambrosia;
Mais fulgores que o astro brilhante,
Que as belezas da terra alumia.
Tem em si mais perfumes que o lírio,
Mais doçuras que o mel, que ambrosia.

Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus;
É mais santa que todas as frases
Que os anjinhos murmuram nos céus,
Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus.

Em outro poema, intitulado “A noiva” (VIOLETA, 22 dez. 1878, p. 2), a folha literária realizava uma pregação de cunho moral e social, chamando atenção para outra das funções sociais esperadas do sexo feminino, ou seja, a de esposa. Ficava bem evidenciada a posição dominante de então pela qual o objetivo

fundamental da vida de uma jovem era o casamento, para o qual ela deveria preparar-se, mantendo a pureza e a virgindade como atributos fundamentais:

Ei-la bela qual botão de rosa,
Desabrochando sob um céu de amor;
Trajando as roupas de gentil noivado,
Mimoso foco de intente alvor.

Oculto a meiga, virginal cabeça,
Por entre as dobras do comprido véu,
Semelha um anjo que entre brancas nuvens
Buscou a terra, abandonando o céu!

Dentre os cabelos formosos, belos,
Da laranjeira vê-se a branca flor;
Linda cadeia de pureza infinda,
Que enlaça os sonhos de um sagrado amor.

Tais preocupações de cunho moral e comportamental da *Violeta* para com as representantes do sexo feminino ficavam também demarcadas no poema “A mulher” (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 4), segundo o qual a beleza feminina não se restringia ao aspecto físico, devendo estar muito mais articulada a aspectos como a pureza do seu ser, a moralidade de seus atos e vivências, a virgindade como atributo para as que esperavam o matrimônio e, além disso, a religiosidade, como guia de suas vidas:

A mulher, cuja beleza
Física, em si só resume
Faltando a graça e pureza,
É uma flor sem perfume.

Antes não seja tão bela
E tenha os dotes morais,
Ah! sem estes, pobre dela,
Os outros são bem fatais!

A um coração sincero
À um'alma virginal,
Como achar-lhe o rosto fero,
Desprezar-lhe o divinal!

Finalmente, este brevíssimo estudo de caso pode destacar o texto publicado pela *Violeta* sob o título “A educação da mulher” (VIOLETA, 20 abr. 1879, p. 2), no qual ficava bem demarcada a ideia mediadora, promovendo a perspectiva de uma mulher que deveria buscar a instrução e associar a aquisição de tais luzes ao seu papel primordial de manter o extremo zelo pelo seu lar:

Não somos do número daquelas pessoas que julgam a mulher apenas apta para o serviço doméstico; apesar de que algumas penas assaz abalizadas o têm julgado.

Também não concordamos com a educação exclusivamente literária, pois a ser assim não sabemos no que se tornaria o lar doméstico, quando o homem, o chefe da família, tivesse de abandoná-lo para cuidar nos afazeres próprios de seu sexo, para enfim procurar os meios de subsistência para sua família, e a esposa, encerrada em seu gabinete, ocupasse-se com seus estudos, deixando a casa entregue apenas aos seus fâmulos?

Em nossa fraca opinião, existe o meio termo.
(...)

A menina deve compreender, desde os seus primeiros anos, o que um dia deve vir a ser, isto é – uma boa dona de casa.

Ser arranjada, cuidadosa em seus afazeres (que os deve ter, desde que as suas forças o permitam), econômica, estudiosa, etc, etc. (...)

Mais tarde, quando em nós desenvolve o gosto pelo belo, já não necessitamos que nos mandem estudar, o mesmo quando os nossos muitos afazeres nos roubam todos os instantes, temos à noite a hora da tranquilidade, a melhor para essa ocupação.

O estudo é sempre útil, e incrível até nos parece que pessoas haja que dizem não saber para o que servem as letras.

Enfim, “dos pobres de espírito é o reino dos céus”.

Na mesma edição, tal texto era corroborado pela publicação de um poema intitulado “O estudo” (VIOLETA, 20 abr. 1879, p. 4). Nos versos ficava reforçada a proposta de que as mulheres deveriam procurar a luz das letras, em substituição a outros afazeres mais fúteis, de modo que, pela instrução, obtivessem um novo papel social:

É no estudo apurado das letras
Que a mulher procurar deve a luz,
Não nos bailes, nas salas festivas
Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
Nobre, santo, querido por Deus,

Estudar é buscar no trabalho
Desvendar das ciências os véus.

Estudai, pois ó flores singelas
Meigas virgens que em trevas viveis,
Que áureo prêmio de vossos trabalhos
No saber muito breve achareis.

Por meio da *Violeta*, Julieta de Melo Monteiro demonstrou que a experiência de editar um representante da imprensa literária e feminina poderia ter algum alcance. Ainda que restrito em termos cronológicos, o periódico teve repercussão como um dos projetos pioneiros na conjuntura sul-rio-grandense voltado à difusão da escrita e da leitura feminina. Como proprietária da folha, Julieta assumia as funções de gerenciamento do escritório e da oficina, bem como a da organização, redação, seleção e revisão dos escritos, sem deixar de lado a distribuição e circulação dos exemplares e a cobrança e manutenção das assinaturas. Além disso, empenhou-se ardorosamente em conseguir uma significativa amplitude de permutas, de modo que transformou a *Violeta* em um eficiente veículo destinado a difundir a literatura e a escrita feminina. Com a *Violeta*, entre tantos outros e múltiplos títulos, a Biblioteca Rio-Grandense mantém seu papel essencial de mantenedora do maior acervo de periódicos rio-grandinos disponibilizados à consulta pública.

Referências bibliográficas:

ALVES, Francisco das Neves. *Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX*. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*. Assis, v. 14, p. 125-141, jul. – dez. 2013.

ALVES, Francisco das Neves. Julieta de Melo Monteiro e a imprensa literária e feminina no contexto sul-rio-grandense (*Violeta*, 1878-1879). In: ALVES, Francisco das Neves & PÓVOAS, Mauro Nicola. *Periodismo e literatura no Rio Grande do Sul do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização; Biblioteca Rio-Grandense, 2018a. p. 95-122.

ALVES, Francisco das Neves. *Escrita feminina no sul do Brasil: Julieta de Melo Monteiro – autora, poetisa, editora e militante*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização; Biblioteca Rio-Grandense, 2018b.

ALVES, Francisco das Neves. Origens da imprensa feminina sul-rio-grandense: Julieta de Melo Monteiro e o programa do periódico *Violeta*. In: *Historiae*. Rio Grande, v. 9, n. 1, p. 131-144, 2018c.

BRANCO, Lúcia Castello. A escrita mulher. In: BRANCO, Lúcia Castello & BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial; Livros Técnicos e científicos, 1989. p. 85-172.

BRANCO, Lúcia Castelo. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O sexo dos textos e outras leituras*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. Diferenças sexuais na escrita: ao contrário de Diótima. In: *Actas do Colóquio "Escrita de mulheres"*. Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 9-23.

MINGOCHO, Maria Teresa Delgado. Nota prévia. In: *Actas do Colóquio "Escrita de mulheres"*. Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 7-8.

MOREIRA, Maria Eunice. Em poesia e prosa: a voz das Senhoras gaúchas do *Almanaque de Lembranças*. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2014a. p. 197-221.

MOREIRA, Maria Eunice. As senhoras gaúchas no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: *Convergência Lusíada*, n. 32, p. 29-39, jul. – dez. 2014b.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina & ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.

A imprensa feminina no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: uma abordagem das características editoriais do *Corimbo*

Luciana Coutinho Gepiak*

A escrita feminina constitui um avanço significativo na condição da mulher no século XIX e primeiras décadas do seguinte. As resistências às escritoras são significativas, mas, “mesmo assim, muitas mulheres tomaram da pena e escreveram, desobedecendo o recato imposto e transgredindo o padrão cultural”. Desta maneira, “nunca será demais enfatizar a força extraordinária destas mulheres, lutando

* Doutora em Letras pela FURG (2022), Mestre em Letras pela FURG (2017), Especialista em Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura pela FURG (2014), Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea pela UFPEL (2003) e Graduada em Letras - Português pela FURG (2000). É autora de vários livros. É dirigente do Núcleo de Livro, Leitura e Literatura da Secretaria de Município da Cultura e Economia Criativa, da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

bravamente contra as dificuldades para escrever”³. Progressivamente, o carrancismo conservador quanto à participação feminina na vida literária passa a ser contestado, uma vez que “a literatura e o feminismo existem, como fenômenos culturais e sociais, dentro da história e modificam-se no tempo e no espaço”, surgindo “novas concepções e novos mundos”⁴.

Aquela época foi caracterizada como um momento de grandes transformações e como uma era de avanços científicos e tecnológicos. Entretanto, no que tange às relações de gênero, os progressos são mais lentos e paulatinos, notadamente no Brasil, atrelado secularmente às tradicionais estruturas de cunho patriarcal e mais ainda no Rio Grande do Sul, uma unidade administrativa profundamente marcada pelo conservadorismo oligárquico. Mas contra tais condições fica estabelecida uma linha de resistência.

Em um campo quase infértil à escrita feminina, dá-se a existência de algumas mulheres resilientes que, cada qual com seu modo de agir, conseguem se impor a um meio predominantemente masculino, aparecendo como escritoras ocasionais ou como literatas que viriam a conquistar certo reconhecimento intelectual. Dentre estas mulheres esteve Revocata Heloísa de Melo, nascida em Porto Alegre, a 31 de dezembro de 1853 e vindo a residir ainda jovem na cidade portuária do Rio Grande,

³ TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nádia Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3, p. 128 e 134.

⁴ LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006. p. 25.

na época uma das principais localidades gaúchas, onde constrói sua carreira e permanece até a morte em 23 de fevereiro de 1944.

Revocata de Melo dedica sua carreira inteira, da juventude à velhice, a promover o ideal de uma nova condição social para a mulher, principalmente no que tange ao acesso à educação. Quando “ler romances, saber ler e escrever, exercer uma profissão fora de casa, gostar de escrever eram considerados deslizes perigosos” ou mesmo “transgressões da ‘verdadeira’ missão feminina”, apenas como mãe e esposa, muitas escritoras entram na “luta em que se empenham contra toda uma tradicional desconfiança da educação” para as mulheres⁵.

Nessa perspectiva, “a educação recebida no lar e nas escolas é criticada nos mais diversos aspectos, gerando protestos, reivindicações e programas de ação, não faltando considerações sobre o prejuízo cultural das jovens”. A busca por “melhores níveis educacionais” torna-se uma constante, já que “a precariedade educacional da mulher”, interpretada “como causa geradora de sua deplorável situação de passividade”, ou “como consequência da injustiça dos homens, provocou unânime e permanente reação de protesto” em meio às escritoras⁶. Revocata é uma delas e defende tais

⁵ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Uma construção enviesada: a mulher e o nacionalismo. In: GOTLIB, Nádía Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3, p. 60.

⁶ BERNARDES, Maria Thereza Caiub Crescente. *Mulheres de ontem* – Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989. p. 123-124 e 136.

princípios não só no âmbito das letras, como também nas suas vivências.

Para tanto, seus escritos têm um papel fundamental, seja pelo sistema de dedicatórias muito usual em seus textos em prosa ou poesia publicados em livros e em jornais, seja pelo intenso intercâmbio que os periódicos estabelecem na época com a troca de correspondências e exemplares, que ultrapassam fronteiras regionais e até nacionais. Ainda que os jornais tivessem limitações editoriais típicas da pequena imprensa, isto não os impedia de revelar certo alcance e interesse bem além do local onde ele era impresso.

Tal prática é comum ao periodismo não só no Rio Grande do Sul ou no Brasil, mas atinge termos globais, de modo que “interessante é a intercomunicação estabelecida entre as colaboradoras e os colaboradores” dos periódicos, como no caso do “relacionamento em especial, por meio de dedicatórias de poemas, passatempos e textos em prosa que o autor/autora oferece a outro(a) colaborador(a) ou a um leitor(a)”⁷. Além disso, os periódicos permitem permutas entre os autores quanto à publicação de textos e a recepção à leitura também amplia o alcance, uma vez que os leitores não se concentram apenas em uma cidade, “mas se espalham por toda a Província, pelo País e até pelo exterior”⁸.

⁷ CHAVES, Vania; LOUSADA, Isabel; ABREU, Carlos. *As senhoras do Almanaque*: catálogo de produção de autoria feminina. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; CLEPUL, 2014. p. 20.

⁸ PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura*: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul

Dessa maneira, também no caso sul-rio-grandense, por meio da publicação de livros ou por meio dos periódicos, “é preciso sublinhar nesta floração de mulheres escritoras” que “elas não estão isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formam uma espécie de rede feminina” que se estende por todo o Rio Grande do Sul “e mantém vínculos com os outros centros do país”⁹. Revocata de Melo foi uma importante engrenagem neste mecanismo, que aproxima escritoras de pequenos rincões e de grandes cidades no âmbito gaúcho, brasileiro e internacional.

Nesse quadro, a escritura de livros e as colaborações espalhadas pela imprensa periódica de vários lugares do Brasil foram importantes para a notoriedade conquistada por Revocata Heloísa de Melo ao longo de sua atuação intelectual. Ainda assim, o ponto alto de sua carreira acontece com a edição do *Corimbo*, periódico para o qual dedica dois terços de sua vida, transformando-o numa das folhas literárias e femininas mais duradouras do país. O significado da publicação, sob a responsabilidade da escritora rio-grandina, está vinculado exatamente à perspectiva acerca da importância que o periódico destina à literatura e à escrita feminina, pois tanto desempenha uma função essencial na consolidação de um sistema

do século XIX. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004 (Tese de Doutorado). v. 1, p. 123.

⁹ SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 145.

literário, quanto na sustentação de uma rede de inter-relações estabelecida entre mulheres escritoras e leitoras, que se estendeu por seis décadas.

Dessa maneira, o *Corimbo* teve “um importante papel na consolidação e na estabilização do sistema literário no Rio Grande do Sul, no momento em que abria portas para que autores dos mais diversos naipes fossem publicados na revista”. Nesse sentido, a publicação influencia “na fixação de um sistema literário no extremo-sul do Brasil, rede que se atesta pela edição de textos de autores das mais diferentes regiões do país e até do exterior”. Isso pode ser identificado a partir da “correspondência trocada entre os leitores e as redatoras”, e dos “artigos e notas, ora acusando o recebimento de publicações dos mais diversos pontos, ora registrando o falecimento de um escritor”. Além disso, a publicação rio-grandina tem na redação e nas colaborações importante presença feminina e conta “como público-alvo, preferencialmente, as mulheres, numa época em que produtos específicos ao sexo feminino eram esparsos e pouco valorizados”¹⁰.

A presença das mulheres no campo intelectual teve na imprensa um fator de propagação fundamental. Nessa linha, “mais do que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em

¹⁰ PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017. p. 122 e 130.

espaços de aglutinação, divulgação e resistência”¹¹. Fica então estabelecida uma forte inter-relação entre escrita feminina, práticas jornalísticas e produção literária¹² e o *Corimbo* atua como verdadeiro ponto de confluência nesse processo, ao associar as características de uma publicação literária, com as práticas da imprensa feminina.

Durante a longuíssima existência do periódico rio-grandino, ocorrem diversas etapas em sua progressão, com o enfrentamento de dificuldades de toda a ordem, apesar das quais manteve a sua missão, sob a presença constante e a direção de Revocata. Nessas diferentes fases, vários dos elementos que compõem o sistema literário que o *Corimbo* colabora decisivamente para edificar ficam bastante evidentes, como foi o caso dos diferentes formatos, das estratégias de sustentação, da busca do público leitor, da impressão, das colaborações e dos intercâmbios.

A respeito dos primeiros anos de existência do *Corimbo*, desde 1883, praticamente não há informações, a não ser as notas sobre a sua criação, publicadas pelos demais periódicos, principalmente os rio-grandinos. Somente a partir do primeiro exemplar disponível, de meados de 1885, é possível estabelecer algumas categorizações da publicação. Uma das principais diferenciações entre as várias fases do periódico é quanto ao seu formato, ora sendo editado como revista,

¹¹ DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 14.

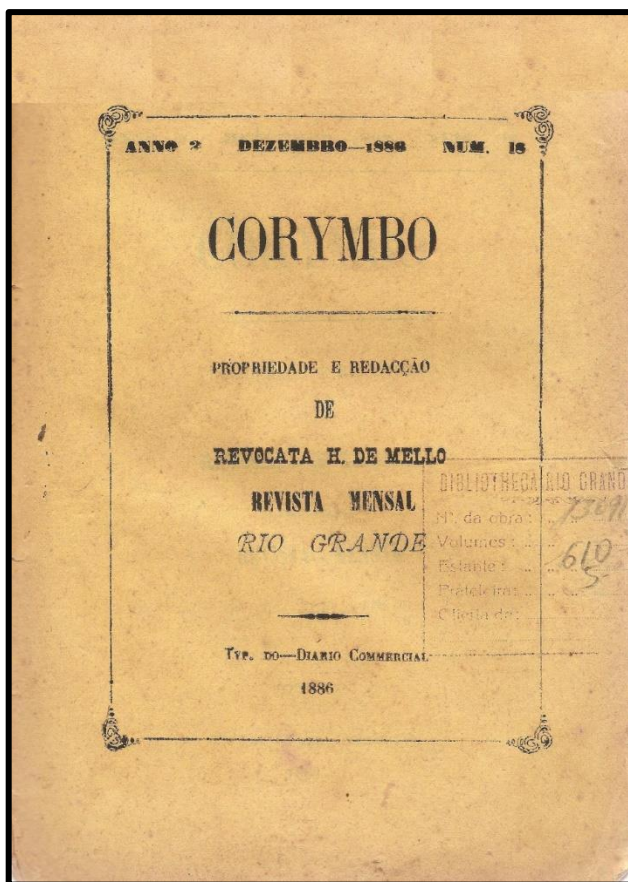
¹² BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986. p. 22.

ora como jornal. Nesse quadro, “a diferença entre revista e jornal torna-se mais rarefeita, pois no formato eles se assemelham muito, sobretudo quando as revistas, no século XIX, apresentam-se com suas folhas soltas”. Do ponto de vista da composição gráfica, “a presença da capa é o indicativo de que se está diante de uma revista, e não de um jornal”¹³.

A primeira etapa desenvolve-se entre 1885 e 1888, na qual o periódico se apresenta como “revista mensal”, sustentando esse formato. Na folha de rosto aparece “propriedade e redação de Revocata H. de Melo”. Com capa e contracapa, mantém na maioria das edições um total de dezesseis páginas, embora apareçam algumas exceções com dezoito e trinta, além dos números correspondentes a dois meses, que, em geral têm trinta e duas páginas. Nessa fase, as dimensões do periódico variam entre 18,5cm X 13,2cm¹⁴ e 21,5cm X 15,3cm. As capas e contracapas eram impressas em papel bastante fino e frágil, de cores variadas a cada edição, entre elas azul, roxa, laranja, rosa, cinza, sépia, amarela e verde. Nesse período, a publicação consegue manter a periodicidade proposta, apesar de algumas falhas e edições duplas, envolvendo dois meses no mesmo número.

¹³ PÓVOAS, 2017, p. 70.

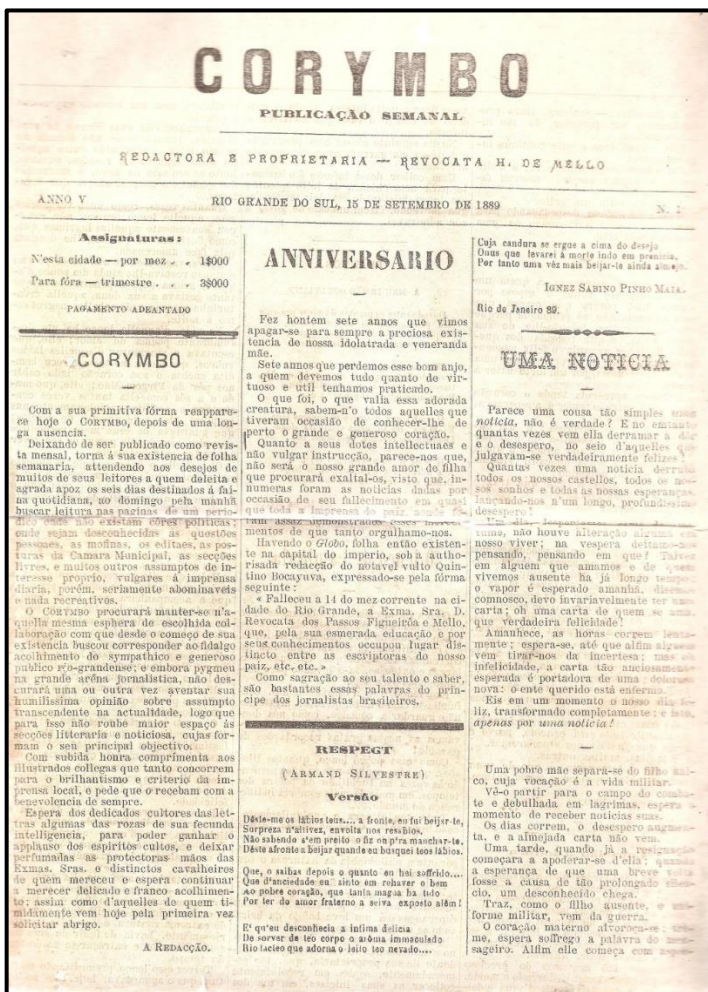
¹⁴ Todas as medidas são expressas indicando comprimento X largura.



Exemplar da primeira etapa do *Corimbo*

Após uma interrupção na circulação, o *Corimbo* retorna em setembro de 1889 com um novo formato. Agora é um jornal de quatro páginas, que se apresenta como “publicação semanal”, informando no cabeçalho “redatora e proprietária – Revocata H. de Melo”. As dimensões entre 1889 e 1893 ficam em 32cm X 22,5cm e, de 1894 até 1898, ocorre uma pequena variação para

33cm X 23cm. Essa é uma das etapas de maior regularidade na circulação, pelo menos até 1894, quando a guerra civil traz consigo interrupções na distribuição da folha.



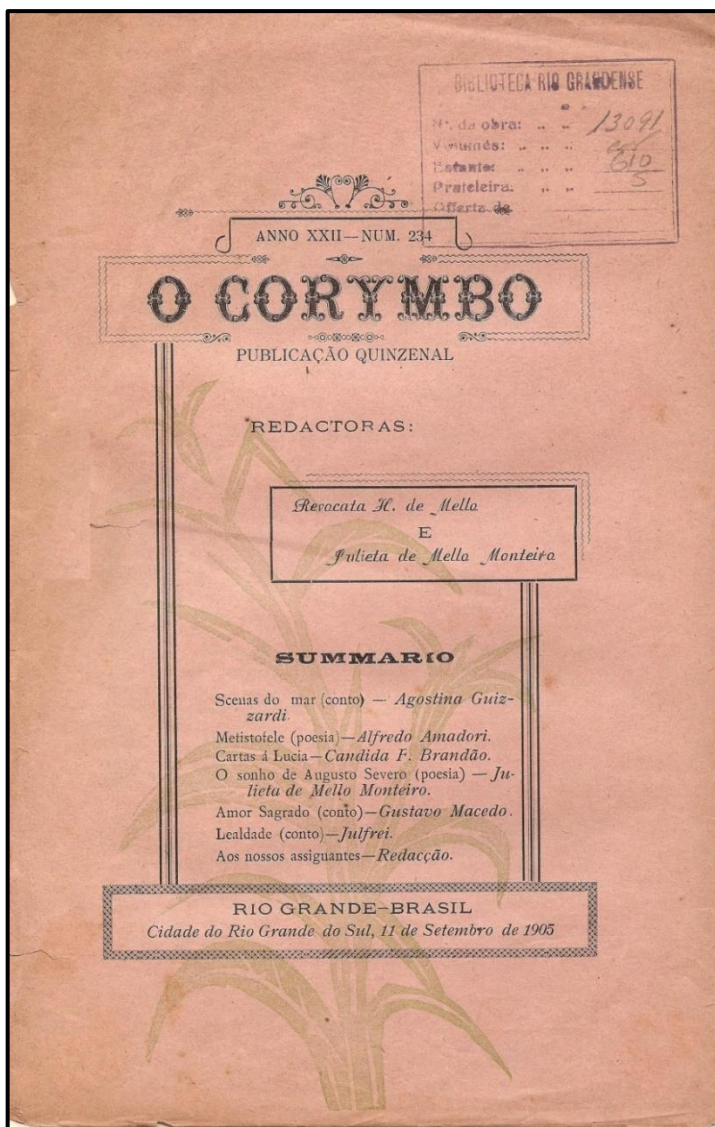
Exemplar do Corimbo do periodo entre 1889 e 1898

Depois de irregularidades e interrupções na edição, ocorre uma nova modificação no *Corimbo*. Desde 1898, o formato permanece o de jornal, assim como as dimensões em média ficam inalteradas, entretanto, passa a constituir uma “publicação quinzenal” e no cabeçalho aparecem os nomes das “redatoras – Revocata H. de Melo – Julieta de Melo Monteiro”. Esse período se desenvolve até 1905 e a numeração do periódico indica uma certa regularidade na distribuição, embora os exemplares disponíveis não sejam muitos.



Exemplar do Corimbo do período entre 1898 e 1905

A partir de 1905 se estabelece mais uma mudança na estrutura formal do periódico, que assume mais uma vez o formato de revista, com capa, contracapa e oito páginas e dimensões de, em média, 27cm X17cm. Nesse formato aparece um sumário na capa, onde permanece a informação “redatoras – Revocata H. de Melo e Julieta de Melo Monteiro”. As capas trazem uma gravura floral e também variam de cor, como rosa, azul, sépia, cinza, verde e lilás. Nessa fase, a revista mantém boa regularidade até o início de 1908, seguindo-se um período com várias falhas na circulação.



Exemplar do *Corimbo* do período entre 1905 e 1908

O período entre 1908 e 1913 corresponde a uma época de imprecisão quanto à circulação do *Corimbo*, uma vez que não há exemplares disponíveis, bem como, à medida que há exemplares disponíveis, foi suspensa a utilização do ano de edição e a numeração foi recomeçada¹⁵. Um novo retorno acontece ao final de 1913, quando é retomado o formato de jornal, com quatro páginas em dimensão 33cm X 23cm, mantendo no cabeçalho a informação de “publicação quinzenal” e os nomes das duas redatoras. Também nos dados de identificação, o “ano” foi substituído pela expressão “Nova Fase”, a qual acompanha a folha até o seu encerramento.

¹⁵ Neste período, o jornal rio-grandino *Eco do Sul*, que normalmente notificava as edições do *Corimbo*, principalmente no aniversário deste, não fez nenhuma referência ao mesmo.



Exemplar do Corimbo do periodo entre 1913 e 1919

Entre 1913 e 1919, o *Corimbo* manteve alguma regularidade em suas edições, embora não chegasse a conseguir atingir a sua proposta de “publicação quinzenal”, ocorrendo a distribuição mensal, com algumas poucas falhas em certos meses. Essa razoável regularidade dura até o final de 1919, quando a circulação do periódico entra em outro momento de difícil definição. De toda a década de 1920, só há dois exemplares disponíveis. A numeração dá a ideia da continuidade da publicação, mas tais números nem sempre foram confiáveis, pois ocorreram vários momentos com falhas na expressão da continuidade correta. Os anos 1920 correspondem à doença e ao falecimento de Julieta Monteiro, o que indica que houve algum tipo de interrupção ou interrupções na publicação da folha¹⁶.

A última retomada do *Corimbo* se dá em janeiro de 1930, com a manutenção do formato de jornal com quatro páginas em dimensões de 30cm X 22,5cm. O cabeçalho traz a informação de “publicação bimensal” e a editora não deixa de fazer uma homenagem à irmã falecida, ilustrando “fundadoras: Revocata H. de Melo e Julieta de Melo Monteiro”, com o aparecimento apenas do nome daquela na qualidade de redatora. Essa derradeira fase apresenta outra vez uma razoável regularidade, mas levando em conta uma saída mensal da folha. As interrupções aconteceram em alguns meses,

¹⁶ Ao longo da década de 1920, utilizando-se do mesmo parâmetro do jornal *Eco do Sul*, e sua preocupação em saudar *Corimbo* no seu aniversário, isto ocorre nos anos de 1920 e 1921 e só volta a acontecer novamente em 1931, sendo esse ao menos um indício de uma ou mais suspensões na edição.

havendo ocasiões em que dois meses eram apresentados numa única edição. Revocata já é uma idosa e encontra limitações de saúde que, vez ou outra, prejudicavam a distribuição daquele projeto do qual ela ao menos tenta não desistir, ao sustentá-lo até o fim. O último número é publicado em janeiro de 1944 e a editora falece no mês seguinte.



Exemplar do Corimbo em sua última fase (1930-1944)

Esse longo período de duração, ao longo dessas diferentes fases, traz consigo algumas tantas mudanças, especialmente as de ordem material e estrutural, todas elas importantes na condição de partes integrantes do sistema literário, que contou com a participação decisiva do *Corimbo*. Uma dessas questões está relacionada com a prestação de serviços gráficos, pois o periódico rio-grandino não possuía seu próprio prelo, o que criava a necessidade de uma certa interdependência em relação às gráficas nas quais os exemplares eram impressos, o que não deixa de também ser um motivo de preocupação para a editora, tendo em vista que, por vezes, as transições de uma para outra firma poderiam trazer prejuízos à continuidade da circulação ou mesmo na qualidade de impressão do periódico.

Os primeiros exemplares disponíveis, de meados de 1885, foram impressos na Tipografia da Livraria Americana. No início de 1886, a impressão foi realizada na Tipografia do *Diário do Rio Grande*. Nova modificação ocorre no mesmo ano de 1886, com a impressão na Tipografia do *Diário de Pelotas – Correio da Noite*. Ainda nesse ano, a prestadora de serviço gráfico passa a ser a Tipografia do *Diário Comercial*. No primeiro trimestre de 1887, a impressão retorna para a Tipografia do *Diário do Rio Grande* e, nesse ano, duas edições foram promovidas junto à Tipografia do *Jornal do Comércio*, em Porto Alegre. Houve alguns períodos em que não foi informado o local de impressão. Em 1905, o periódico foi impresso na Tipografia de *A Reforma*; a partir de 21 outubro de 1906, na Tipografia do *Artista*; em 1913 nas Oficinas do *Diário*; e, a partir do final de 1914, na empresa rio-grandina Oficina Tipográfica Mignon. Na

última fase do *Corimbo*, a gráfica responsável foi a Livraria Oliveira Júnior.

Também aparecem como empresas impressoras a do *Eco do Sul* e a *Trocadero*. Esta última chega a causar mais uma das interrupções na circulação do periódico rio-grandino, em 1898, tendo em vista um incêndio que atinge suas oficinas¹⁷. Além dessas firmas prestadoras de serviços gráficos, por vezes, o *Corimbo* informa onde se localiza o seu escritório, lugar onde se estabelece o trabalho editorial, os contatos com a redação e até atividades literárias. A partir de 1885, o Escritório da Redação funciona na Rua Jataí, número 55. No primeiro quadrimestre de 1886, esse local passa para a Rua General Neto, número 71, e, em meados desse ano, passa para o número 69 da mesma rua. Em 1889, quando ocorre uma nova mudança de fase, assumindo o formato de jornal, o Escritório do *Corimbo* passa para a Praça Barão de S. José do Norte, número 54. No ano de 1913, o escritório é transferido para a Rua General Portinho, número 102, o qual muda para o 452, em 1930.

Quanto às formas de sustentação do periódico houve uma recepção favorável do público e “os leitores não se concentram somente na cidade do Rio Grande, como seria de se supor, mas se espalham por toda a Província, pelo país e até pelo exterior”, servindo como um reforço para o sistema literário. No que se refere à arrecadação, “as assinaturas constituíam-se na maior fonte de renda do periódico”, com a utilização da estratégia de distribuição antecipada, de modo que aqueles que não se manifestassem contrariamente ao recebimento passavam a ser incluídos na condição de

¹⁷ PÓVOAS, 2017, p. 119.

favorecedores¹⁸. O valor das assinaturas é informado em algumas das edições do *Corimbo*, como a partir de meados de 1885, quando o valor trimestral é de 2\$000, enquanto o número avulso custa 800 réis. Na mudança de fase de 1889, a assinatura mensal na cidade do Rio Grande passa para 1\$000, e a trimestral, para fora da localidade, 3\$000. A partir de 1913, aparece a última informação sobre assinaturas, cujo valor passa a ser, na cidade 1\$000, por mês e 1\$500, o mês com anúncio, enquanto para fora do Rio Grande, o trimestre custa 3\$000.

A inclusão de anúncios chega a ser uma alternativa para a arrecadação, mas a sua inserção foi circunscrita a períodos restritos. Dessa maneira, em algumas oportunidades, o periódico chegou “a estampar material publicitário, divulgando casas especializadas nos mais diversos ramos, expediente que auxiliava, junto às assinaturas, no sustento da revista”¹⁹.

Entre os anunciantes do *Corimbo* aparecem: advogados, lojas de tecidos, armazéns, estabelecimentos funerários, livrarias, lojas de artigos em geral, professores particulares, serviços tipográficos, gabinetes dentários, cigarrarias, médico e operador, fornecimento de almoço e jantar, serviços médicos, laboratório homeopático, oficinas de máquinas a vapor, ferreiro, caldeiro de ferro e cobre, fundição de ferro e bronze, fábrica de cerveja, institutos de ensino, agentes de comércio, comedorias, clínicas médico-cirúrgicas, sapatarias, cafés, hotéis, jornal de modas, modista e professora de corte e costura, loja de modas, farmácias,

¹⁸ PÓVOAS, 2017, p. 122-123 e 129.

¹⁹ PÓVOAS, 2017, p. 129

casas de joias, ourivesaria e relojoaria, serviços forenses, fornecimento de gás, fábrica de sacos de papel, professora de bordados, mensageria e engraxateria, parteiras, ateliês de modas, costuras e cortes, escola de retratos artísticos e estabelecimento funerário.

Os períodos em que os anúncios são mais regulares se localizam entre 1889 e 1893 e 1896-1897; e entre 1914 e 1919, conforme expresso nos gráficos abaixo. Em 1894, a média de dois meses fica em 14, e, em janeiro de 1898, houve 13 anúncios e, em outubro, nenhum. Nas primeiras décadas do século XX, em dois meses de 1913, a média foi de 13 anúncios e, na única edição remanescente de 1920, houve 2, e de 1924, 1. Também houve 1 único anúncio em uma edição de 1932 e duas de 1933. A tendência geral é de diminuição de inserção de matéria publicitária.

Gráfico 1 – Número de anúncios publicados pelo *Corimbo* – média anual (1889-1897)

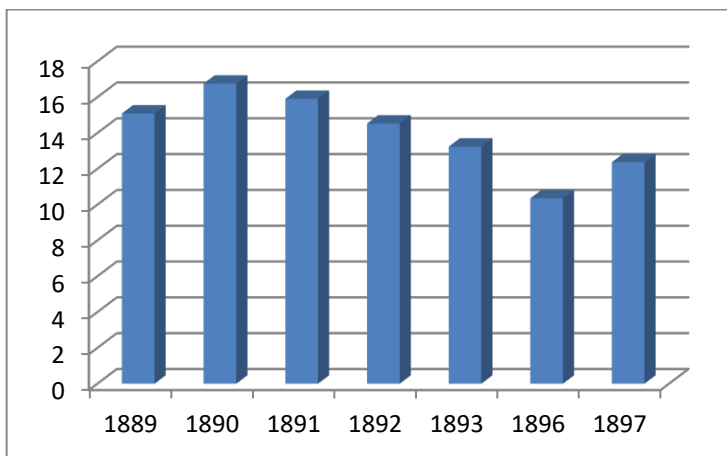
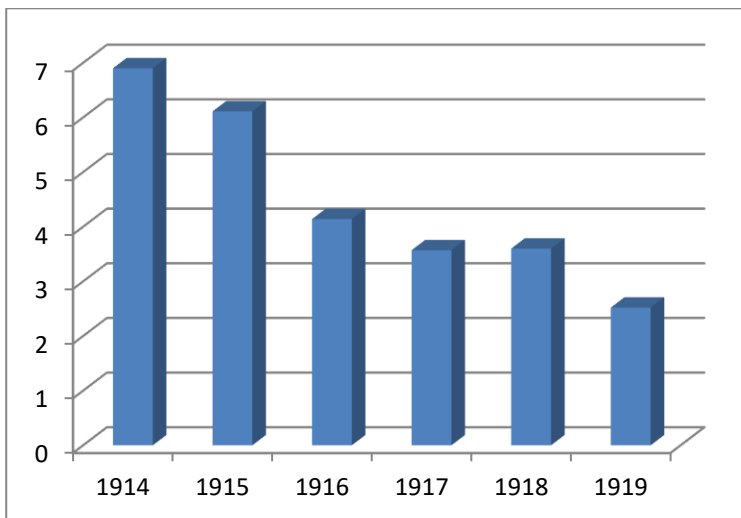


Gráfico 2 – Número de anúncios publicados pelo *Corimbo* – média anual (1914-1919)



Uma das ações do *Corimbo*, cuidadosamente realizada por Revocata de Melo, que contribui decisivamente para o sistema literário, esteve ligada ao intercâmbio com outras redações, com envio de exemplares para as mais variadas localidades solicitando permuta. A presença desses intercâmbios fica registrada, na maior parte das vezes, em seções específicas, como “Expediente”, nos anos iniciais; “Recebemos”, que aparece poucas vezes e, mais tarde, outros seguimentos, também com poucas inserções, como “Visitas”, “Novas publicações”, “Publicações”, “Jornais” e “Revista da imprensa”, ou mesmo com presenças de forma avulsa.

Dessa maneira, a amplitude da circulação da folha pode ser observada a partir dos “agradecimentos pelo envio de jornais”, com a estratégia de Revocata de

“endereço o *Corimbo* para os mais diferentes jornais, localizados em todo o Brasil, à guisa de divulgação, e em retribuição os periódicos expediam seus respectivos exemplares à redação”, o que serviu para formar “um extenso grupo de homens e mulheres que se conheciam e se liam por meio do intercâmbio jornalístico, trocando elogios, opiniões e favores”²⁰.

Boa parte das permutas ocorre dentro do próprio Rio Grande do Sul, envolvendo grande quantidade de localidades, como Rio Grande, Porto Alegre, Pelotas, Bagé, Santana do Livramento, Dom Pedrito, Santa Maria, Jaguarão, São Gabriel, Cruz Alta, Jaguarão, Taquari, Canguçu, Dom Pedrito, Cachoeira, Rio Pardo, Santa Cruz, São Jerônimo, Quaraí, São Borja, Encruzilhada, Itaqui, Alegrete, Vacaria, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, Arroio Grande, Caxias do Sul e Herval.

Fora do contexto sul-rio-grandense, outra incidência que chama atenção é a presença do Estado de São Paulo nos intercâmbios, não apenas da capital, mas também de diversas localidades do interior, refletindo os avanços da imprensa em tais regiões, promovidos principalmente pelo progresso econômico trazido pela cultura cafeeira. Desse modo, houve permutas com as localidades paulistas de: Amparo, Pirassununga, Taubaté, Santos, Itapeceira, Pirassununga, São João do Rio Claro, Campinas, Taubaté, Mogi-Mirim, Bragança Paulista, Rio Novo, Sorocaba, Ituverava e Descalvado. Os intercâmbios do *Corimbo* atingem a maior parte das unidades administrativas brasileiras, como pode ser observado no seguinte mapa. A questão do intercâmbio

²⁰ PÓVOAS, 2017, p. 123.

não está restrita unicamente ao território nacional, pois o periódico consegue chegar ao estrangeiro, como é o caso de França, Inglaterra, Espanha, Portugal, Argentina e Uruguai.

Mapa 1 - Unidades brasileiras com as quais ocorreu intercâmbio do *Corimbo* (levando em conta a divisão administrativa da transição da Monarquia à República)²¹



²¹ Mapa adaptado a partir de ALVES, Francisco das Neves. *Escrita feminina no sul do Brasil*: Julieta de Melo Monteiro – poetisa, editora e militante. Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2018. p. 95.

Outro ponto relevante presente durante a longa edição do *Corimbo*, decisivo para a consolidação do sistema literário, é a presença de um significativo número de colaborações, que contribui para a formação de uma verdadeira rede entre escritores, que se conheciam entre si, comunicavam-se com a troca de correspondências e liam mutuamente seus textos, muitas vezes redigindo apreciações, num processo constante e duradouro de interações.

Nas páginas do *Corimbo* escreveram mulheres desconhecidas e “circularam produções de escritoras conhecidas da época”, mas, “como um jornal cujo princípio sempre foi o do não-sectarismo, também ofereceu espaço à produção de escritores”²². Desse modo, na colaboração da revista “brilham vários nomes e pseudônimos femininos pertencentes a alguns Estados da federação”, uma vez que, “em todos eles, principalmente nos mais envolvidos, o sexo frágil se impõe pela cultura e intelectualidade de muitas senhoras”²³.

Além disso, em uma época de transição, “a mescla de estilos destacava-se no *Corimbo*, não havendo a concentração de nenhuma escola em especial” e, “muito pelo contrário, o ecletismo da revista fica patente, até porque ao longo de sua duração, ela atravessou pelo

²² SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 892.

²³ COELHO, Mariana. *Evolução do feminismo*: subsídios para a sua história. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933. p. 512-513.

menos três períodos históricos da literatura”. A partir deste ecletismo, o periódico exerce o papel de “repositório de grande parte da produção literária do Rio Grande do Sul e do Brasil, guardando em suas páginas textos inéditos em livro, tanto de autores consagrados como de anônimos”²⁴.

A procedência das colaborações inseridas no *Corimbo*, quando era expressa junto à autoria, revela com bastante evidência o alcance do sistema literário em pauta, com a distribuição em várias partes do Brasil e até no estrangeiro, como foi o caso de diversos articulistas portugueses, mas também espanhóis e uruguaios. Esse fator fica também evidenciado a partir da inserção nas páginas do periódico de textos escritos em língua estrangeira. O conjunto das colaborações teve sua origem na maior parte das unidades administrativas brasileiras, conforme pode ser observado no próximo mapa.

²⁴ PÓVOAS, 2017, p. 78-79 e 130

Mapa 2 – Unidades brasileiras das quais se originaram colaborações para o *Corimbo* (levando em conta a divisão administrativa da transição da Monarquia à República)²⁵



Os seguintes quadros trazem um levantamento de autoria das colaborações enviadas e incluídas nas páginas do *Corimbo*, revelando a presença de escritores bastante reconhecidos, outros menos e ainda outros cercados pelo anonimato. O arrolamento foi organizado levando em conta a utilização de iniciais, de

²⁵ Mapa adaptado a partir de ALVES, 2018, p. 95.

pseudônimos e de nomes ou iniciais, com indicação de sobrenomes. A utilização de denominações que não permitiam a identificação direta da autoria deu-se ao longo de toda a existência do periódico, mas foram mais comuns durante a existência do modelo autoritário que predominou nos anos iniciais da República²⁶.

Colaboradores do *Corimbo* identificados apenas por iniciais:

A.
A. A. C. C.
A. B.
A. C. L.
A. D. P.
A. F.
A. F. P.
A. G.
A. H.
A. K.
A. M.
A. V.
B. M. S.
C.
C. A. de S.
C. D.
C. K.
C. L.
C. N.
D.
D. C.
D. S.
E. C.
E. W.

²⁶ Houve também a indicação de autoria com sinais gráficos, como “***”, “?” e “● ●”.

A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE E A IMPRENSA FEMININA NA CIDADE
DO RIO GRANDE

F.
F. C.
F. G. de A.
F. M. V.
F. R. F. G.
G. A.
G. R.
H. F.
J.
J. D.
J. J. C.
J. L.
J. M. V. S.
J. P. S.
J. R. C. B
L.
L. B.
L. O.
M.
M. da C.
M. J.
M. P.
M. S.
M. V. P.
O.
O. P.
P. A. M.
P. de V.
P. M.
P. R.
R.
R. M. S.
R. S.
R. S. C.
S. S.
S. V.

T. C.
T. S.
V. A. C.
V. B.
V. D.
V. das F.
V. H.
X. X.
X. X. X.

Colaboradores do *Corimbo* identificados apenas pelos primeiros nomes, indicação de um único sobrenome e/ou pseudônimos:

A Dama Espanhola
A Forasteira
A Idealista
A Índia
A Pátria
A Pintora Ambulante
A Sociedade
Abelard
Afrânio
Africana
Aimoré
Alba
Aliquis
Alter Ego
Alvarins
Amado Nervo
Americana
Anacreonte
Aníbal
Antenor
Antoinette
Atala
Autuori

A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE E A IMPRENSA FEMININA NA CIDADE
DO RIO GRANDE

Auzemir
Baronesa de Maranguape
Bettencourt Ferreira
Blanche
Branca
Carlota d' Aquitânia
Cássio
Cecy
Cervantes
Chernoviz
Chiffon
Cleóbuo
Cyanéa
Cyja
D. Diogo de Souza
Daguerre
Danton
Daysi
Décio
Délia
Durfa
Duque d'Harcourt
Ecila
Ego
Eloi
Emile Zola
Erato
Ernestina
Ero
Escribo
Esopo
Eu
Fé
Figueira
Figueiroa
Flor de Liz

Fontenelle
Frantiberá
Gentio
Gil
Gil Vicente
Gusadal
Gutenberg
Hayde'a
Heloísa
Henri
Hermengarda
Ícaro
Idealista
Il Paladino
Jacy
Joca Malandro
John Love
Jorge Mulato
Josefus
Julfrei
Júpiter Tonante
Kan
Khan
Lena
Luiz Carlos
Luiza Adelaide
Luso-Brasileira
Lygia
Mme. Zveta
Manfredo
Marco Antônio
Marguerite
Maria
Maria Carmen
Marie Antoinette
Marieta

A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE E A IMPRENSA FEMININA NA CIDADE
DO RIO GRANDE

Marinete
Mário de Artagão
Mário Lúcio
Marion
Matilde
Mauro
Miriam
Mlle. Heloísa
Myralma
Neófita
Nyny
O Guerreiro
O Píncel Ignoto
Otter
Peregrino
Petronius
Querubim
Regina
Risoletta
Risette
Sá
Saudade
Segundo Wanderley
Selma
Seugirdor
Sibila
Sidroneto
Sílvio
Sinhá
Solitarius
Sombra
Sonâmbula
Sonhador
Stenzel
Suzy
Tapir Graúna

Teixeira
Tiberá
Turmalina
Um celibatário
Um gaúcho
Um grupo de amigas
Um rio-grandense
V. Fontenelle
Valda Heloísa
Victor Hugo
Vinícius
Violeta
Violeta Odete
Wan Dick
Zezinho
Zubiria

Colaboradores do *Corimbo* identificados por nomes completos e/ou iniciais e sobrenomes:

A. B. de Oliveira
A. Coelho
A. Estanislau
A. Freitas
A. J. Ferreira de Campos
A. J. Pereira da Silva
A. Meira de Vasconcelos
A. Naumann
A. Peres Júnior
A. Rodrigues
A. Thomaz
Abílio Álvaro Miller
Abílio de Freitas
Abílio Gomes
Adelaide de Castro Alves Guimarães
Adelina Fontoura
Aderaldo Lira

Agostina Guizzardi
Aimé Martin
Alady Fontoura M. Barreto
Alba Valdez
Albertina Paraíso
Alberto Dias Coelho
Alberto Oliveira
Alberto Pereira Teixeira
Alberto Valdívia
Albino Costa
Albino de Oliveira
Alceu Otaviano da Silva
Alcides Brandão
Alcides Maia
Alcides Miller
Alcindo Guanabara
Aldina Corrêa
Alexandre Fernandes
Alfredo Amadori
Alfredo Porto Alegre
Alphonse Karr
Alphonsus de Guimaraens
Alice de Almeida
Alípio Teles
Almeida Araújo
Almeida Cousin
Almerinda Coelho
Aluísio Azevedo
Alva de Almeida
Alva do Prado
Alvarenga Fonseca
Álvaro da Silva
Álvaro Delfino
Álvaro Lisboa
Álvaro Moreira
Álvaro Porto Alegre

Alvim Lopes
Amado Nervo
Amália Franco
Amâncio Pereira
Amanda Pacheco
Ana Aurora do Amaral Lisboa
Ana Cechelli
Ana Cezar
Ana de Alencar Monteiro
Ana de Castro Osório
Anália Franco
Andradina de Oliveira
Ângelo Dourado
Aníbal Rodrigues da Silva
Aníbal Teófilo
Antenor Monteiro
Antenor Moraes
Antero de Quental
Antídia Coutinho
Antonieta Lisboa Saldanha
Antônio de Castro
Antônio Feijó
Antônio Gomes de Freitas
Antônio Maria Pereira
Antônio Ramos
Antônio Tiverá
Antônio Tomas
Apolônia Jasiella
Aquiles Porto Alegre
Aracy Froes
Araújo Figueiredo
Araújo Filho
Ari Martins
Aristeu Seixas
Aristides Sampaio
Armando Thiers

A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE E A IMPRENSA FEMININA NA CIDADE
DO RIO GRANDE

Arnaldo Melo
Arsênio de Oliveira Maia
Arthur Barreiros
Arthur Goulart
Arthur Lobo
Arturo Lerena
Assis Brasil
Atílio Romanelli
Augusto Cambraia
Augusto de Lima
Augusto de Sá
Augusto Matuck
Augusto Porto Alegre
Augusto Rebelo Rodrigues
Áurea Pires
Aurora Baumgarten
Auta de Souza
Autran Dourado
Azambuja Neto
Azevedo Júnior
B. Carneiro
B. Cruz
B. de G. Colaço
B. Lopes
Baptista Cepellos
Bartolomeu Brasil
Bastos Portela
Bastos Tigre
Beatriz Arnut
Beatriz Machado
Belén de Sárraga
Belkiss F. Chaves
Belmira A. da Silva
Belmiro Braga
Benedito de Paula Bueno
Benito Maurell da Silva

Benoit Briand
Bernardo Guimarães
Bettencourt Ferreira
Branca de G. Colaço
Brasil Gerson
Brasilina Marti
Bráulio Cordeiro Júnior
Breno Arruda
Brêttas da Silva
Brito Machado
C. Bandeira Renault
C. Kraemer
C. Menezes
C. Netto
Campos Porto
Canarim Júnior
Cândida Abreu de S. Pereira
Cândida Fortes Brandão
Carlos Alberto Minuto
Carlos de Almeida
Carlos de Escobar
Carlos Machado
Carlos Rocha
Carlos Rubens
Carlos Teixeira
Carlos Tolentino
Carlos Vignoli
Carlota do Amaral Lisboa
Carmen Luz
Carmen Unzer
Castro e Silva
Cecília Meireles
Cezar de Castro
Chapot Prevost
Charles Edill
Cícero Andrade

Cícero Magalhães Cunha
Cícero Mendes
Cipriano Porto Alegre
Ciro Acrysio
Ciro de Pasquale
Clarêncio Barracho
Clarinha de Roserval
Cláudio de Souza
Clemente Pereira
Climério Várzea
Coelho da Costa
Coelho de Carvalho
Coelho Neto
Coelho Cavalcanti
Coleta Silva Miller
Cora Coralina
Corrêa da Câmara
Corrêa de Araújo
Costa Gomes
Cristina Amaro de Medeiros
D. Nascimento
Da Cunha Santos
Damasceno Vieira
Daniel Cristóvão
Dantas Barreto
Dario Santos
Delminda Silveira
Demerval da Fonseca
Demóstenes de Olinda
Deodoro Reis
De Paranhos Antunes
Dias da Costa
Domenico Calicchio
Domingos Nascimento
Dorgeval Demello
Dulce de Alencar

Dulce Dolores
Dulce Nair
Duque d'Harcourt
Érico Cramer
E. Ronnette
E. Santos
E. Silva
E. V. Monteiro
Eça de Queiroz
Ed. Quartier
Ed. Schutel
Elisa de Saibro
E. Santos
Edmundo Fernandes
Eduardo F. dos Santos
Eduardo Magalhães
Edwiges de Sá Pereira
Elvira Campos
Elvira Gama
Emanuel Favila
Emília Augusta Penido
Emiliana Delminda
Emílio A. Bruschi
Emílio Nunes
Érico dos Santos
Ermelinda dos Stuarts Gomes
Ernestina Macedo
Ester Lima
Etevilna de C. Gonçalves
Euclides Freitas
Euclides Lobato
Eugênio Nicoll
Eulídia Vernes
Eustáquio Azevedo
Eva Canel
Everardo Dias

A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE E A IMPRENSA FEMININA NA CIDADE
DO RIO GRANDE

Ezequiel Wanderley
F. Arthur Martins
F. Camboim Filho
F. Clotilde
F. de Paula Pires
F. J. Patrício
Fábio Luz
Fanfa Ribas
Febrônio de Brito
Ferdinando Martino
Fernandes Costa
Ferreira de Campos
Figueiredo Coimbra
Flávia Débora
Flaviano Gil
Florêncio C. de Abreu e Silva
Fontoura Maranhão
Francisca Clotilde
Francisca Izidora
Francisca M. Gonçalves
Francisco Antunes Maciel Júnior
Francisco Cardona
Francisco D. de Oliveira
Francisco de Azambuja
Francisco de Magalhães
Francisco E. Costa Júnior
Francisco Maciel Júnior
Francisco Matos
Francisco Ricardo
Frederico Carlos de Andrade
Frederico Lisboa de Mara
Frediano Trebbi
Fritz d'Alencar
G. Prati
Gastão Bousquet
Gelásio de Osmar

Georgina Teixeira
Gervásia Pires
Gilete de Andrade
Glaci de Andrade Figueira
Glória Déa
Guerreiro Vitória
Guilherme Dias
Gumercendo Augusto de Campos
Gustavo Barroso
Gustavo Macedo
Gustavo Teixeira
H. Paladino
H. Teles
H. Valda
Heitor Teles
Hecilda Gussi
Hecilda Magalhães
Heitor Lima
Heloísa Valda
Henrique Castriciano
Henrique Gonzales
Higino de Araújo
Homero Batista
Horácio de Carvalho
Horácio Nunes
Hugo de Marcy
Ibrantina de Oliveira
Ida Schloenbach
Inácio Raposo
Inês Sabino Pinho Maia
Inês Zapata Nicolai
Isabel Dillon
Isabel Vieira de Serpa
Isaura Villalva
Isidoro Martins Júnior
Isidro Nunes

A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE E A IMPRENSA FEMININA NA CIDADE
DO RIO GRANDE

Isis Figueiroa
Iveta Ribeiro
Ivo Castro
J. Carlos T. de Almeida
J. A. de Castro
J. A. de Oliveira Pires
J. B. dos Santos
J. Braga
J. da Silva Azevedo
J. Florentino
J. Herculano
J. M. Coimbra
J. Montserrat
J. Pires Godói
J. Teófilo Marques
Jacobo Eden
Jacy Barreto
Jacy Estrela
Jacy Figueira
Jaime Oliveira
Jaymina Vilas Boas
João C. de Freitas
João Carminatti
João da Cruz e Sousa
João de Deus Martins
João França
João von Frankenberg
Joaquim da Silva Azevedo
Joaquim Lourival
Joaquim Navázio
Joaquim Lourival
Joaquina Lopes Valente
Jonas da Silva
Jonas Leme Cardoso
Jorge Bahils
Jorge de O. Jobim

Jorge Salis Goulart
José Antônio Xavier Pinheiro
José Canuto
José César
José Felix
José Gumerindo
José J. G. Barreto
José Nogueira
José Oiticica
José Palmela
Josefina C. Moreira
Jovelina Alves Pereira
Júlia Cavalcanti
Júlia Cortines
Júlia Lopes de Almeida
Júlia Moura
Julieta de Melo Monteiro
Julieta Ramos
Julieta d'Ophir
Júlio Camisão
Júlio Cezar da Silva
Júlio de Andrade
Júlio Ribeiro
L. de Assis
L. Freitas
L. Gonzaga Duque Estrada
Luiz Miller
Luiz Pistarini
Luiz Guimarães Júnior
L. Romanowski
Leal de Souza
Léia Almeida Coelho
Leonel Canarim
Leonor Posada
Leopoldo Bettiol
Leopoldo Chaves

Leopoldo de Freitas
Lima Júnior
Lidroneta Rosa Teixeira
Lobo da Costa
Lola de Oliveira
Lourival Chula
Luciano Esteves Júnior
Lucien Duranton
Lúcio Celis
Lúcio de Alencar
Luiz Canarim Júnior
Luiz Carlos
Luiz Delfino
Luiz de Magalhães
Luiz Emílio Léo
Luiz França Pinto
Luiz Guimarães
Luiz Monteiro da Silva Carvalho
Luiz Murat
Luiz Nóbrega
Luiz Pistarini
Luiza Adelaide
Luiza Cavalcanti Filha
Luiza Ramalho
M. A. de Amaral
M. de Santa Cruz
M. de S. Pinto
M. Duarte
M. Ronetua
Matias Guimarães
M. Macedo Pinto
M. Pio Corrêa
M. Ronnette
M. S. Gomes de Freitas
M. Sampaio
Machado da Cunha

Madalena Antunes
Magalhães de Azevedo
Manoel Arão
Manoel dos Passos Figueiroa
Manoel R. Luna
Manoelito d'Ornellas
Marçal Figueira
Marcus d'Ásia
Marcus Josefar
Maria Amália Vaz de Carvalho
Maria Carlota do Amaral Lisboa
Maria Clara da Cunha Santos
Maria de Arruda Müller
Maria de Oliveira Cavalcante
Maria Eugênia Celso
Maria Freitas
Maria Lacerda de Moura
Maria Luz
Mariana Coelho
Marieta Ribeiro
Marina Amarante
Marina G. da Rocha
Marinha Noronha
Mário da Silva Brasil
Mário de Azevedo
Mário Guaranha
Mário Guimarães
Mário Sampaio
Mário Santos
Martins Júnior
Mathias Carvalho
Mathias Costa
Matilde de Almeida
Maura de S. Pereira Lamotte
Maurell Silva
Max Nordau

Maximiano Chagas Carvalho
Menotti del Picchia
Milton da Cruz
Mirtes de Campos
Modesto de Abreu
Monte Sobrinho
Morivalde da Costa
Múcio Teixeira
N. dos Passos Figueiroa
N. Souza Pinto
Nair Barcellos dos Santos
Nair Santelmo
Narcisa Amália
Nativa de Melo
Nestor de Castro
Nestor Guedes
Nestor Guimarães
Noemi de Assunção Osório
Nuto Santana
Olavo Bilac
Olegário Mariano
Oliveira Góis
Oliveira Ribeiro Netto
Olívia Soares da Silveira
Orlando Luciano
Oscar Rosas
Otacílio de Oliveira
Otávio Gomes
Otávio Secundino
Ovídio Chaves
P. A. Bortowski
P. da Costa
P. e Figueiroa
Paulina Campello de Macedo
Paulino Azurenha
Paulino Diamico

Paulo Mantegazza
Pedro Antônio de Miranda
Pedro Moacyr
Pedro Velho
Pennafort Caldas
Perciliana D. de Almeida
Peres Júnior
Pierre Carneiro
Pietro Florentino
Pinto de Azambuja
Plínio Mota
Praxedes da Costa
Presciliana Duarte de Almeida
R. Capella
Rabelo Sytreans
Rachel Prado
Rafael Clark
Ramalho de Campos
Ramalho Ortigão
Ramiro Castelverde
Raul Machado
Raul Moreira
Raul Pilla
Ribar Pereira
Ribeiro Tacques
Risoleta Guimarães
Rocha Pombo
Rodolfo Machado
Rosaes Sadi
Rosália Sandoval
Rubio Brasileiro Ferreira
Rui Barbosa
Rui de Nelles
S. Alves da Fonseca
S. Barbosa Júnior
S. Penha

Sabino Caravelas
Sabino Magalhães
Samuel Clovis
Selda Potocka
Sena Campos
Severo Macedo
Silva Braga
Silvino Martins
Silvio Pierini
Souza Pinto
T. Coelho
Tancredo Fernandes de Melo
Teixeira Coelho
Temístocles Machado
Tercília Nunes Lobo
Timóteo de Faria
Tito Canarim
Túlio Hostílio
Uldarico Cavalcanti
Ulisses Sarmento
Universina de Araújo Nunes Urbano Duarte
Úrsula Garcia
V. de Carvalho
V. Fontenelle
Valda Heloísa
Valentim da Costa
Vargas Vila
Vasco Diniz
Viana de Carvalho
Vicente de Carvalho
Vicente Guilherme
Vicente Melillo
Vicente Romano
Vítor da Silva Airoso
Vítor de Castro
Vítor Gonzales

Vítor Silva
Virgílio Várzea
Visconde de S. Boaventura
Vivaldo Coaracy
W. Broabdent
Waldemar Chaplin
Walkyria Neves Goulart
Walter Robinson
Walter Cintra Vidal
Wenceslau de Queirós
Wenceslau Escobar
Wladimir Pinto
Zalina Rolim
Zamira do Amaral Lisboa
Zary Almeida
Zeferino Brasil

Esse conjunto de características materiais, estruturais e literárias traz uma visão geral da evolução do *Corimbo* durante suas seis décadas de trabalho, revelando também o esforço realizado por Revocata de Melo para a continuidade do periódico, com vários momentos de adaptação da proposta para manter a missão de afirmação do sistema literário e da continuidade de um espaço para a expressão da escrita feminina. A rede estabelecida pela redatora e editora encontra uma expansão bastante importante para o período e para as limitações por ela enfrentadas.

Dessa maneira, “a revista sofreu diversas modificações na periodicidade, no número de páginas, no formato e na tipografia ao longo dos anos”. Nesse mesmo tempo, “uma gama heterogênea de autores assinalava presença no *Corimbo*, desde os mais próximos”, como “rio-grandinos, pelotenses e porto-

alegrenses, até aqueles que residiam em cidades do Brasil” e no exterior. O periódico “era o lugar para onde um escritor desconhecido podia enviar sem compromisso o seu texto e, logo depois, ver concretizado o sonho de ser publicado pela primeira vez em letra de forma”, confirmando “a importância de Revocata na divulgação da literatura por mais de sessenta anos”. Além disso “a lista de jornais” enviados e recebidos por intercâmbio “é extensa e comprova sua diversidade pelo número de regiões citadas”²⁷, ampliando os horizontes literários.

Além disso, O *Corimbo* foi “um dos mais importantes e talvez mais longo jornal editado por mulher em nosso país”. Ainda assim, “apesar da longevidade, as principais propostas do jornal foram mantidas”, como foi o caso do “empenho em divulgar a produção literária feminina e assuntos de interesse da mulher e publicar artigos variados, poemas, contos e romances em folhetim”, buscando “oferecer uma boa leitura”, além de manter “seções que divulgavam acontecimentos sociais, novos livros, obituários, nascimentos e casamentos”²⁸.

As muitas etapas de desenvolvimento do *Corimbo* correspondem à busca por alternativas e mecanismos de sobrevivência de modo a adaptar-se às diferentes conjunturas enfrentadas, em termos de mercado editorial e consumidor. Todo o esforço realizado por Revocata, e expresso ao longo das tantas edições do periódico, serve para a edificação de uma publicação que marca época durante sua longa existência. Depois da

²⁷ PÓVOAS, 2017, 118, 120-122 e 124.

²⁸ DUARTE, 2016, p. 277-278.

Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário, que é “marco balizador da literatura sul-rio-grandense, a principal publicação gaúcha, em termos de duração”, passa a ser “o *Corimbo*, que se consolida como divulgador não só da literatura do Estado sulino, como também daquela produzida no Brasil”. O *Corimbo* faz parte de uma “longa linhagem de periódicos que auxiliaram na fixação e na feição da literatura em território sulino, através da formação de um público leitor e da divulgação de escritores, renomados ou não”²⁹.

Ainda quanto à sua proposta editorial, o *Corimbo* “constituiu-se como um espaço marcado pela militância de ideias e pela solidariedade entre as mulheres que nele colaboravam”, sendo “frequente saudarem-se mutuamente, dedicando seus escritos a essa ou aquela companheira”, deste modo, “o jornal promovia uma consciência feminina pautada na necessidade de união e luta pela emancipação”³⁰.

Ao apresentar o conjunto da trajetória do periódico, ao longo de suas diferentes fases, Revocata de Melo, utilizando-se de seu prestígio intelectual e como representante da escrita feminina, contribui para a consolidação do sistema literário ao qual a publicação por ela editada está vinculada, uma vez que busca valorizar-se em meio ao público leitor, ao grupo de colaboradores e às redações com que estabelecia intercâmbios. O significado do próprio *Corimbo* e das conexões e inter-relações serviam para manter as várias

²⁹ PÓVOAS, 2017, p. 77 e 80.

³⁰ SCHMIDT, 2000, p. 893.

partes que compõem o sistema integradas e coesas em torno do projeto de difusão literária.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO)** de Estudos Globais da **Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



ISBN: 978-65-5306-142-2